



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA

**GALANTE EM FESTA: ESCRITURAS DA DIVERSÃO NAS  
COMEMORAÇÕES DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO**

MIEBT OLIVEIRA DE ARAÚJO

CAMPINA GRANDE/ PB

Junho de 2011.

**MIEBT OLIVEIRA DE ARAUJO**

**GALANTE EM FESTA: ESCRITURAS DA DIVERSÃO NAS COMEMORAÇÕES DE  
NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO**

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História, Campina Grande, 2011.

Orientador: Iranilson Buriti de Oliveira

Junho de 2011.

MIEBT OLIVEIRA DE ARAÚJO

TÍTULO:

GALANTE EM FESTA: ESCRITURAS DA DIVERSÃO NAS COMEMORAÇÕES DE  
NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

COMISSÃO EXAMINADORA:

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Iranilson Buriti de Oliveira  
(Orientador)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr. Juciene Ricarte Apolinário  
(Examinadora)

---

Janielly Souza  
(Examinadora)

Qualificada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011.



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

## DEDICATÓRIA

*Aos meus pais Carlos e Socorro  
por todo carinho, compreensão,  
amor e sacrifícios realizados por  
mim.*

## AGRADECIMENTOS

### Minha enorme gratidão:

A Deus, pois sem ele essa caminhada não teria sido possível;

Aos meus pais Carlos e Socorro, por toda uma vida de amor e apoio;

Aos meus avós Dezinha e José, pela grande ajuda na minha formação;

Ao meu namorado Kél, pelos momentos de felicidade e cumplicidade que  
compartilhamos;

Ao meu orientador Iranilson Buriti, pelo apoio, dedicação e paciência;

Às minhas amigas Gláucia, Alanny, Muriel, que se tornaram verdadeiras  
companheiras na minha vida;

Aos demais colegas que compartilharam comigo angústias e alegrias no decorrer do  
curso.

Aos meus irmãos Érica e Cedrique que sempre me ajudaram e apoiaram;

Aos professores do Departamento de História e Geografia da UFCG, em especial  
às professoras Juciene Ricarte e Regina Coelli, que considero exemplos de  
profissionalismo e amor pelo que fazem;

Aos senhores e senhoras que concordaram em recordar o passado, contribuindo de  
forma decisiva para a realização deste trabalho. São eles: Seu Dutra, Seu Rosalvo,  
Dona Dalvinha, Seu João, Dona Rosa, Tia Marina, Seu Zé (meu avô) e Dona Dazinha,  
Tia Irene e Dona Litinha.

A todos vocês o meu **MUITO OBRIGADA!**

*“As pessoas fazem a História, mas raramente  
se dão conta do que estão fazendo.”*

*Christopher Lee.*

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as mudanças ocorridas no núcleo urbano de Galante, não apenas na estrutura física, mas principalmente nas práticas cotidianas dos galantense, dando ênfase às formas das pessoas se divertirem, em um período que vai de 1960 a 2010. Inicialmente analisamos a história do distrito a fim de entendermos como se deu a sua formação enquanto núcleo urbano. Em seguida procuramos perceber as mudanças nas práticas cotidianas das pessoas, como por exemplo, no morar, comer, rezar, namorar e divertir-se, quando identificamos as principais festividades que proporcionaram diversão aos galantenses. Em um terceiro momento nos detemos em analisar a festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição, identificando os diversos sentidos atribuídos à festa pelos seus frequentadores e organizadores, abordando os aspectos sagrados e profanos do evento.



## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO.....   | 8  |
| CAPÍTULO I: UM RELATO HISTÓRICO DO DISTRITO DE GALANTE.....   | 18 |
| 1.1. Conhecendo Galante.....  | 18 |
| 1.2. Um breve histórico de Galante.....   | 22 |
| CAPÍTULO II: PRÁTICAS COTIDIANAS DOS GALANTENSES.....   | 31 |
| 2.1. “Na estação era uma grande festa”: conhecendo o espaço público de Galante a partir da segunda metade do século XX..... | 31 |
| 2.2. “Era panela de barro e tigela de barro”: práticas cotidianas no espaço privado.....                                    | 38 |
| 2.3. Festas de Galante e dos galantenses.....   | 42 |
| CAPÍTULO III: FESTA DA PADROEIRA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO .....   | 50 |
| 3.1. A festa de antes .....   | 50 |
| 3.2. A festa de hoje .....  | 54 |
| 3.3. O sagrado e o profano.....   | 58 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 61 |
| FONTES.....   | 64 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....   | 65 |

## INTRODUÇÃO

Inúmeros têm sido os estudos sobre cidade produzidos pelas diversas áreas das ciências sociais nesses últimos anos, não só sobre as grandes metrópoles, mas também acerca das pequenas e médias cidades do interior, contexto no qual Campina Grande se encaixa.<sup>1</sup>

Esse grande número de pesquisas que se dedicam à investigação do fenômeno urbano possivelmente está relacionado às variadas possibilidades de estudos, visto que elas vão muito além do espaço físico das cidades, onde se dão os acontecimentos, ou seja, o “palco da história”, sendo possível estudos que tratam da cidade enquanto espaço de trabalho, de trocas comerciais, de relações de poder, de conflitos sociais, de espetáculos e de tensões.

Nesse trabalho lançaremos um olhar sobre o distrito de Galante<sup>2</sup> enquanto palco de mudanças e de espetáculos que proporcionaram diversão aos seus moradores entre os anos de 1960 e 2010, dando ênfase à festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição<sup>3</sup>. No entanto, vamos nos movimentar temporariamente até 1907, quando chegou o trem, com o objetivo de dar visibilidade a esse meio de transporte que contribuiu durante muito tempo para a locomoção de passageiros para a festa.

Tal temática me despertou interesse porque sou moradora de Galante e costumo participar das comemorações que antecedem o dia de Nossa Senhora da Conceição. A partir daí pensei em realizar um trabalho na tentativa de entender como teve início essa festa, bem como a forma como as galantenses recebem esse evento que reúne aspectos sagrados e profanos.

---

<sup>1</sup> Só para ter uma dimensão de como é vasto esse domínio ver BRESCIANI, Maria Stella. *Londres e Paris no século XIX – o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1989; PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002; PONTES, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860 – 1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Multigraf Ed.Ltda, 1999; OLIVEIRA, Iranilson Buriti. *Façamos a família à nossa imagem: a construção de conceitos de família no Recife Moderno (1920-1930)*. 2002. Tese (DOUTORADO em História do Brasil) – UFPE, Recife; MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. Bauru, SP: EDUSC, 2002. REZENDE, Antônio Paulo. *(Des) encantos modernos: história da cidade do Recife na década de vinte*. Doutorado em História, São Paulo, USP, 1992. Dentre outros.

<sup>2</sup> Fundado em 1907, Galante é um dos seis distritos de Campina Grande que está localizado a 22 km de distância desse município e a 104 km da capital João Pessoa. Sua história remonta à época em que a rede ferroviária estava sendo construída pela Great Western.

<sup>3</sup> O dia de Nossa Senhora da Conceição de acordo com o calendário católico é o dia oito de dezembro, mas geralmente as comemorações no distrito de Galante, assim como em Campina Grande, tem início uma semana antes, ou seja, no início do mês.

Os últimos estudos realizados sobre a cidade de Campina Grande têm dado grande ênfase ao processo de modernização urbana ocorrido nessa cidade entre os anos 1920 e 1960.<sup>4</sup> Entretanto, apesar de Galante fazer parte do território de Campina, não podemos afirmar que houve nesse distrito um processo de modernização com reformas urbanas e a introdução dos símbolos do moderno<sup>5</sup>, mas sim uma insipiente urbanização, caracterizada pelo aumento do número de casas.

Como mostra Gervácio Batista Aranha, para muitas cidades da Parahyba do Norte o trem de ferro significou uma grande conquista material e simbólica, facilitando a comunicação e o transporte de pessoas e de mercadorias. Em 1907 um sentimento de euforia e surpresa tomava conta dos moradores de Campina Grande com a notícia de que chegaria à Estação Ferroviária Great Western o primeiro trem que atenderia a população campinense. O trecho da linha saía de Itabaiana com destino a Campina Grande, passando pelo distrito de Galante.

No caso de Galante não podemos afirmar que inicialmente o trem teve o mesmo significado que teve para Campina e outras cidades da Paraíba. Esse distrito ainda não existia enquanto núcleo urbano quando o trem chegou em 1907, havendo apenas algumas propriedades rurais, entre elas a “Fazenda Galante” pertencente ao Sr. João Correia de Menezes, que doou uma faixa de terra para construção da estrada de ferro e para fundação de um povoado.

Isso implica dizer, que ainda não havia no território onde hoje se localiza o distrito de Galante uma população esperando ansiosa a chegada do trem como representante da modernidade e da civilização. Depois da construção da estação foi que foram surgindo alguns estabelecimentos comerciais e algumas residências. Dessa forma, podemos afirmar que a fundação de Galante e o aumento do fluxo de fiéis à festa da Padroeira está diretamente ligada à chegada do trem, que nesse caso não funcionou como um instrumento modernizante, e sim favoreceu a formação de mais um núcleo urbano.

<sup>4</sup> Entre os estudos que abordam esse assunto podemos citar: ARANHA, Gervácio Batista. **Trem e modernidade na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais**. Doutorado em História, Campinas, Unicamp, dezembro/2001. SOUSA, Fábio G. R. B. de. **Cartografias e imagens da cidade: Campina Grande- 1920-1945**. Doutorado em História, Campinas, Unicamp, 2001; SOUZA, Antônio Clarindo B. de. **Lazeres permitidos, prazeres proibidos. Sociedade, cultura e lazer na Campina Grande dos anos 50 e 60**. Doutorado em História, Recife, UFPE, 2002.

<sup>5</sup> Os símbolos do moderno, segundo Gervácio Batista Aranha, “são equipamentos urbanos, de uso coletivo, que se dão como a última palavra em termo de novidades produzidas ou adotadas no estrangeiro.” ARANHA, Gervácio Batista. “Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925)” In. **A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural**, pp. 79-132.

Apesar da diversão ser o nosso foco principal procuraremos também conhecer outras práticas do cotidiano dos galantenses, pois, segundo Certeau (1994) é possível se interpretar os códigos culturais a partir das práticas cotidianas.

Na tentativa de ampliar nossa noção do conceito de cotidiano dialogamos com Maria Izilda Santos de Matos. Segundo essa autora, o estudo do cotidiano se encontra vinculado a uma redefinição do político, visto que pode ser identificado um deslocamento do campo do poder das instituições públicas e do Estado para a esfera do privado e do cotidiano, percebendo-se assim, uma “politização do dia-a-dia”. (MATOS, 2002, p.22).

Outra possibilidade trazida pelos estudos do cotidiano foi a de explorar as experiências históricas de homens e mulheres aos quais se negou lugar e voz dentro do discurso histórico convencional, como por exemplo, operários, camponeses, negros, mulheres, idosos, crianças, entre outros. Havendo assim, a “descoberta da história de gente sem história.” (MATOS, 2002, p. 24)

Ainda segundo Maria Izilda S. de Matos, a história de cotidiano pode ser encarada como uma possibilidade de recuperação de outras experiências. Além disso, essa perspectiva tem demonstrado que os valores e os comportamentos que são aceitos em uma sociedade num certo momento histórico podem ser rejeitadas em outras formas de organização ou em outros períodos.

Essa idéia será apresentada no nosso trabalho quando formos analisar algumas festas ou comemorações que eram esperadas com ansiedade pelos galantenses, há duas décadas atrás, e foram perdendo importância até deixarem de ser realizadas, como por exemplo o desfile do dia sete de setembro.

Na mesma linha de raciocínio, se faz pertinente uma análise de como os indivíduos vêem o espaço urbano por eles habitado e de que forma eles usam e praticam esse espaço.

De acordo com Maria Izilda S. de Matos, o que pode ser percebido hoje em dia é uma cidade múltipla, onde seus habitantes vivenciam as tensões urbanas de forma fragmentada e diversificada, e não como uma unidade. Assim, as cidades devem ser entendidas como territórios que condicionam múltiplas experiências sociais e coletivas.<sup>6</sup>

Nesse sentido, cada um dos elementos que constroem a cidade como as praças, as ruas, os parques, as feiras, os bairros, entre outros, se encontram repletos

---

<sup>6</sup> Para uma maior compreensão de cidade múltipla ver MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

de lembranças, impressões e experiências, pois, além de sua existência material, são codificados num sistema de representação.

Assim, os lugares enquanto objeto de prática, são inventados a partir da memória e do conjunto de representações que é produzido sobre ele. De acordo com o jesuíta francês Michel de Certeau, essa invenção e (re)invenção dos espaços, é permitida aos homens comuns a partir das “artes de fazer como”.<sup>7</sup>

Um conceito que será de fundamental importância para o nosso estudo é o de representação, que será por nós utilizado a partir das idéias do historiador francês Roger Chartier, com quem dialogamos na tentativa de compreender as diferentes leituras que os indivíduos fazem dos acontecimentos que vivenciam ou vivenciaram.<sup>8</sup>

Segundo Chartier essas “representações” são geradas pelas práticas sociais, que por sua vez produzem representações, havendo assim uma certa dependência entre elas. Para esse autor, tanto as práticas quanto as representações devem ser usadas como referências por quem pretende analisar uma determinada cultura.

Chartier também defende que a cultura popular e a cultura erudita ou de elite se interpenetram, não existindo assim, uma fronteira determinada entre ambas. No entanto, os indivíduos que pertencem a cada uma delas usam representações próprias para marcar sua forma de ver e viver o mundo.<sup>9</sup>

Ainda de acordo com o pensamento de Chartier, para estudar as representações devemos ter em mente que o real não existe enquanto tal, mas sim como um conjunto de representações que são feitas sobre ele. Neste sentido, para a realização do nosso trabalho devemos levar em consideração que, além de ser o que aparenta ser, a sociedade é também o que os diferentes grupos sociais representam sobre ela a partir de diferentes imagens e discursos por eles produzidos<sup>10</sup>. A esse respeito afirma Chartier:

Pode pensar-se a história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, a revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que paralelamente, descrevem a sociedade tal como

<sup>7</sup> Sobre isso ver MAYOL, Pierre. Morar. In. CERTEAU, Michel de. (org) **A Invenção do Cotidiano II: Morar, Cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 2000.

<sup>8</sup> Para uma leitura aprofundada sobre os conceitos de representação ver Roger Chartier – **A História Cultural: Entre práticas e representações**; Lisboa; Difel, 1998.

<sup>9</sup> Essa idéia colocada por Chartier, que remete à noção de Circularidade Cultural, também pode ser percebida em MIKHAIL Bakhtin. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**; São Paulo; HUCITEC; Brasília/ Editora da UNB, 1993. E em GINZBURG, Carlo. **Os Andarilhos do Bem**; São Paulo; Companhia das letras, 1988.

<sup>10</sup> SOUZA. Antonio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945 – 1965)**. 2002. Tese (Doutorado em História do Brasil) – UFPE, Recife.

pensam que ela é, ou como gostariam que fosse. (CHARTIER, 1990, p.17)

Na mesma linha de raciocínio, vale destacar que as idéias de “práticas e representações” são de grande importância para analisar de que forma os objetos culturais, no nosso caso as festas realizadas em Galante, são produzidos e/ou consumidos pelos diversos agentes sociais.

Outro conceito que será fundamental para o nosso estudo é o de sensibilidades. De acordo com a historiadora Sandra Jatahy Pesavento, “as sensibilidades são uma forma de apreensão e conhecimento do mundo para além do conhecimento científico, que não brota do racional ou das construções mentais mais elaboradas.” (PESAVENTO, 2007, p.10). Em outras palavras, as sensibilidades estão ligadas à forma do historiador ver o mundo, utilizando não apenas a razão, mas principalmente suas emoções e sensibilidades.

É fundamental que o historiador se imagine na época por ele estudada e tente explicar como poderia ter sido a experiência sensível do outro, que viveu em outro tempo e vivenciou situações diferentes, a partir dos vestígios por ele deixados. Contudo, vale ressaltar que esse exercício é uma tentativa de ler o passado a partir de um olhar presente, o que não implica em uma reconstrução do passado.

Outra preocupação de Pesavento é mostrar que em todas as fontes, até mesmo nos documentos oficiais, é possível encontrar os traços sensíveis do mundo de uma outra época. Esses vestígios são denominados por ela de “registros da alma.” (PESAVENTO, 2007, p. 15).

Neste sentido, cabe ao historiador colocar em prática a alteridade, tentando traduzir emoções, sentimentos e valores que não são os nossos, ou seja, “as sensibilidades de um outro tempo e de um outro no tempo, fazendo o passado existir no presente.”<sup>11</sup>

O principal procedimento de pesquisa por nós adotado para a construção de fontes acerca da diversão no distrito de Galante é a história oral. Esse tipo de fonte é bastante utilizado atualmente por historiadores na tentativa de registrar a memória (pessoal ou coletiva) e ampliar a compreensão de um passado recente ou da história que se está construindo no presente. Além de tornar possível conhecer uma história diferente daquela consagrada como original, a história oral dá voz às pessoas que durante muito tempo foram ignoradas pela historiografia.

---

<sup>11</sup> Esta frase pode ser encontrada em Sandra Pesavento, <<Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades>>, Colóquio, Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Numero 4- 2004, mis em ligne Le 4 février 2005, référence Du 18 avril 2006, disponible sur: <http://nuevomundo.revues.org/document229.html>.

A história oral se encontra profundamente relacionada com a memória, entretanto, segundo Meihy é errado confundi-las, pois a oralidade se interpõe entre elas:

É a dinâmica da oralidade que separa a história da memória. É aí que se dá o papel da história oral como mediadora entre uma solução que se baseia em documentos escritos (história) e outra (memória) que se estrutura, quase que exclusivamente, apoiada na fluidez das transmissões orais. (MEIHY, 2005, p. 63).

É do nosso conhecimento que a memória é construída a partir de fragmentos, o que impossibilita uma reconstrução da história “tal qual aconteceu.” Como observa Meihy, “memória não é uma coisa ou objeto concreto e, por isso, resgatável.” (MEIHY, 2005, p. 56). No entanto, pretendemos reconstituir um pouco das memórias que algumas pessoas guardam do distrito de Galante, pois acreditamos que os depoimentos daqueles que experimentaram os acontecimentos são fundamentais para a análise histórica.

Partimos do pressuposto de que a narrativa, seja ela oral ou escrita, é sempre uma construção que se dá a partir da seleção de fatos e impressões, ou seja, a narrativa para a história oral é uma versão dos fatos e não os fatos em si. Nesse sentido, cada entrevistado fala aquilo que lembra ou que ouviu falar. Alguns chegam a reconhecer que a sua versão não é a única, como é o caso do Sr. Dutra Pessoa, que no início da sua entrevista adverte: “Olha moça, é que cada pessoa conta diferente...” e mais adiante ressalta: “Eu sei de um jeito, mas Dona Laura contava de outro.”<sup>12</sup>

Toda narrativa tem um conteúdo do passado, contudo, é preciso distinguir a memória individual da memória coletiva ou grupal. Segundo Meihy, “a memória pessoal é biológica e psicológica, enquanto a grupal é essencialmente cultural e transcendente.” (MEIHY, 2005, p.61). Com base nesse pensamento podemos afirmar que a memória pessoal, que é individual e varia de pessoa para pessoa, é que constitui a memória coletiva, não como uma simples soma, mas como fenômenos que permitem a um determinado grupo o reconhecimento da sua identidade. Nesse sentido, a memória individual pode nos aproximar dos contextos onde se formou a memória coletiva.

Segundo Bosi, Halbwachs advoga que toda memória é sempre um produto social e não individual, dependendo assim “do relacionamento com a família, com a

---

<sup>12</sup> A Dona Laura que ele se refere era uma antiga professora de Galante que deixou sua versão escrita sobre a Fundação de Galante, texto que utilizaremos mais adiante. Depoimento do Sr. Dutra Oliveira Pessoa de 63 anos, concedido à autora no dia 9 de setembro de 2009.

classe social, com a escola, com o grupo de referências peculiares a esse indivíduo.” (BOSI, 1994, p. 54). Ou seja, para Halbwachs a sociedade molda os indivíduos definindo a maneira de ver as coisas.

Ecléa Bosi demonstra ainda a existência de duas memórias: a memória-hábito, que é a memória dos mecanismos motores adquirida pela repetição de gestos e palavras, e as lembranças independentes dos hábitos, que se encontram isoladas e são capazes de ressuscitar o passado. Assim, Bosi faz a distinção entre as duas memórias: “A imagem lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória hábito já se incorporou às práticas do dia-a-dia.” (BOSI, 1994, p.49)

Nesta perspectiva, procuraremos colher depoimentos de pessoas que possam evocar momentos únicos e singulares por elas vivenciados. De acordo com Bosi os sujeitos mais indicados para essa tarefa são as pessoas idosas, visto que “elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas.” (BOSI, 1994, p. 60). Além disso, a partir do momento que o velho deixa de ser um membro ativo da sociedade resta-lhe uma função não atribuída aos mais jovens que é a obrigação de lembrar.

Contudo, o exercício da lembrança não é tão simples, pois existe um obstáculo para a memória que é a matéria, ou seja, o corpo gasto pelo tempo que se torna favorável ao esquecimento. Como aponta Ecléa Bosi “quando a memória amadurece e se extravasa lúcida, é através de um corpo alquebrado: dedos trêmulos, espinha torta, coração acelerado, dentes falhos, urina solta, a cegueira, a ânsia, a surdez, as cicatrizes, a íris apagada, as lágrimas incoercíveis.” (Bosi, 1994, p. 39).

Daí vem a necessidade do historiador perceber os limites dos seus rememoradores e saber ouvi-los e entendê-los, além de tentar estabelecer vínculos de amizade com os mesmos, pois tais atos geram confiança, que é algo fundamental para um boa história oral.

O historiador também deve estar atento aos recursos utilizados pelos seus colaboradores para situar temporalmente alguém ou algum acontecimento, o que nem sempre aparece com períodos e datas exatas. Um exemplo disso é a forma como um dos nossos entrevistados situa temporariamente o fundador de Galante:

Major João Correia de Menezes, meu bisavô, era pai de pai Nezin, o pai de Zé Correia que é dono hoje em dia do Jardim Menezes. Nezin Correia, avô de Ronaldo, era pai de tia Franciscinha, era pai de tia Janoca, mulhar do finado Zé Pessoa, pai de Luiz Pessoa.<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Depoimento do Senhor Rosalvo Correia de Menezes, concedido a autora no dia 13 de setembro de 2009.



Podemos perceber que o entrevistado, desconhecendo o período no qual o major, que era o seu bisavô, viveu, começa a falar os nomes dos seus parentes próximos até chegar ao nome de alguém conhecido por sua entrevistadora, no caso Ronaldo Correia.

Outro aspecto bastante importante para o historiador entrevistador é que ele não deve se contentar apenas com o que foi dito, mas também tentar problematizar os silêncios, as expressões, o desvio do olhar, o corar súbito do rosto, as expressividades do não-dito, entre tantos outros gestos simples que podem nos dizer mais que várias palavras.

Para tanto, um corpus documental será necessário para ler e para dizer Galante. Além das fontes orais, utilizaremos também algumas fontes escritas, como um documento escrito por Laura Menezes Amorim, uma antiga professora de Galante, que deixou sua versão sobre a fundação do distrito destacando alguns dos seus moradores mais “ilustres”, bem como um conjunto de poesias elaborado no ano de 2003 intitulado *A história de Galante em versos*, de autoria do professor de história José Welitom Gomes Menezes.

Outro material que nos será bastante útil é o trabalho de pesquisa *Diagnóstico sócio-econômico e ambiental de Galante*<sup>14</sup>, realizado pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas empresas da Paraíba (SEBRAE/ PB) em parceria com a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e com o Governo do Estado, visando formar bancos de dados para contribuir com políticas de gestão na área. Esse material nos fornece muitas informações importantes, pois ele foi formado a partir de entrevistas realizadas com os próprios moradores de Galante, nos oferecendo assim, uma visão mais ampla das representações feitas pelos que vivem em Galante.

Estabelecidas estas questões, se faz pertinente fazer uma breve apresentação dos três capítulos que compõem esse trabalho. No primeiro analisamos a formação histórica do Distrito de Galante, atentando para a sua relação social, econômica e cultura com Campina Grande. As fontes utilizadas para elaborar esse capítulo é o texto escrito pela professora Laura Menezes de Amorim no ano 1983, além dos

---

<sup>14</sup> A elaboração desse material foi coordenada por Rosalvo Menezes Filho e é uma realização do Governo da Paraíba, UEPB e SEBRAE composto por três pequenos livros: MENEZES FILHO, Rosalvo . (coordenação) *Galante, uma visão conjuntural – O São João de Galante*. Vol I/III. Campina Grande, Galante 2008. MENEZES FILHO, Rosalvo . (coordenação) *Diagnóstico sócio-econômico e ambiental da zona rural de Galante – uma visão conjuntural*. Vol II/III. Campina Grande, Galante 2008. MENEZES FILHO, Rosalvo. (coordenação) *Pesquisa sócio-econômica e ambiental da zona urbana de Galante – uma visão conjuntural*. Vol III/III. Campina Grande, Galante 2002.

depoimentos de algumas pessoas que vivem em Galante e guardam na memória algumas histórias que ouviram falar sobre a origem desse distrito.

No segundo capítulo conhecemos algumas práticas cotidianas dos galantenses que nos ajudam a identificar as principais festas realizadas em Galante e alguns aspectos específicos destas como, por exemplo, os freqüentadores, os locais onde eram realizadas, as vestimentas das pessoas, as bandas (conjuntos) responsáveis pela animação, e as músicas (canções) que embalavam os visitantes e os moradores de Galante.

No terceiro e último capítulo, lançamos nosso olhar sobre a festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição, identificando as modificações por ela sofridas e buscando apreender os diversos sentidos atribuídos à festa pelos seus freqüentadores e organizadores.

Ao final deste novo estudo esperamos atingir os nossos principais objetivos, entretanto, sabemos que essa pesquisa não esgota de forma alguma as possibilidades de estudos sobre o Distrito de Galante, havendo ainda muitos aspectos a serem analisados por historiadores curiosos.

## CAPÍTULO I

### UM RELATO HISTÓRICO DO DISTRITO DE GALANTE

#### 1.1. Conhecendo Galante

Antes de partirmos para a análise do nosso objeto de estudo, que é a diversão no Distrito de Galante, com destaque para a festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição, se faz necessário conhecermos o Galante de hoje e um pouco da sua história.

O Distrito de Galante faz parte do território do município de Campina Grande, interior da Paraíba, estando localizado a 22 quilômetros dessa cidade e a 104 da capital João Pessoa. Galante se limita ao sul com o município de Fagundes, ao norte com a cidade de Maçaranduba, ao leste com o município de Ingá e ao oeste com o Bairro do Ligeiro (Campina Grande). O distrito possui três entradas que são: a PB 100 no sentido BR 230 a entrada de Galante, a PB 100 no sentido de Fagundes a Galante e a estrada do Santana, que liga Galante ao bairro do Ligeiro de Campina Grande.

Segundo dados do IBGE do ano de 2007<sup>15</sup>, a população de Galante é de 7.432 habitantes, com 4.621 pessoas morando na zona urbana e 2.811 na zona rural. Entretanto, a população local insiste que o número é superior a 10 mil habitantes, o que pode ser explicado pela informação de que o número de eleitores de um determinado local é entre 40 e 50% da sua população total, o que implica dizer que, com um número de 5.649 eleitores, a população de Galante deveria se situar entre 11.298 e 14.122 pessoas<sup>16</sup>, o que não acontece efetivamente. Outro fator que pode ter influenciado essa crendice quanto ao número de habitantes é o desejo de uma parte da população pela emancipação política, que pode ser alcançada se o distrito tiver população superior a 10 mil habitantes.

Atualmente, Galante é conhecido no contexto regional, e até mesmo nacional, por receber durante alguns dias do mês de junho o "Trem Ferroviário", que parte da Estação Velha, em Campina Grande, com destino a Galante, lotado de turistas ao som de forró pé-de-serra, em viagem que dura em média uma hora e meia. Chegando em

---

<sup>15</sup> Os dados do censo 2010 sobre a população de Galante ainda não se encontram disponíveis, podendo ser encontradas apenas informações sobre a quantidade da população de Campina Grande.

<sup>16</sup> Cálculo encontrado em MENEZES FILHO, Rosalvo . (coordenação) *Diagnóstico sócio-econômico e*

Galante os turistas são recebidos com um arraial com quadrilhas, um mercado público e várias palhoças onde podem dançar forró e apreciar um pouco da culinária regional.

Além desse grande evento Galante também é conhecido pelo turismo rural, com a existência de duas áreas de lazer, a Fazenda Santana e a Casa de Cumpadre onde são oferecidos cafés da manhã e almoços de acordo com a culinária regional, além de passeio a cavalo e de charrete. Ou seja, espaços que procuram proporcionar aos seus visitantes um dia de lazer no campo, afastado do tumulto da cidade.

Apesar do turismo contribuir bastante para a renda de um determinado local, essa atividade apenas não basta para sustentar a economia. A renda dos galantenses provém de vários setores como, por exemplo, da agricultura familiar, com a cultura do milho, da fava e do feijão; da pecuária, destinada principalmente à produção de leite e em menor quantidade à de carne; criação de caprinos, ovinos, suínos e galinhas como complemento da renda; algumas pessoas possuem empregos públicos principalmente na área da educação e saúde; outros trabalham em Campina Grande na área do comércio, de serviços e nas indústrias; além disso, uma boa parcela da população é beneficiada pelo Programa Bolsa Família, do Governo Federal.

A Pesquisa Urbana de Galante, que fez um levantamento dos bens existentes nas residências,<sup>17</sup> apresenta dados compatíveis com uma população de renda baixa e média, e não extremamente pobre. Isso também pode ser observado a partir dos tipos de habitações existentes, ou seja, casas de tijolos bem conservadas, não existindo o que pode se classificar de habitações de favelas, como construções de madeira, zinco e/ou palha.

Além do trabalho, outro motivo que leva algumas pessoas que vivem em Galante a se dirigirem todos os dias para Campina Grande<sup>18</sup> é a educação. De acordo com *Diagnóstico sócio-econômico e ambiental da zona rural de Galante*, “Campina Grande é o destino final de 110 galantenses, que morando no distrito se deslocam diariamente para cursos os mais diversos, principalmente cursos universitários.”<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> Os bens que serviram como referência para se observar a qualidade de vida da população de Galante foram: antena parabólica, bicicleta, computador, fax, filtro de água, fogão a gás, telefone celular, telefone fixo, freezer, geladeira, máquina de costura, máquina de lavar, microondas, moto, notebook, rádio, televisão, outros veículos. Os dados obtidos podem ser encontrados em MENEZES FILHO, Rosalvo (coordenação). *Pesquisa sócio-econômica e ambiental da zona urbana de Galante – uma análise conjuntural*. Vol. III/III. Campina Grande, Galante, 2008.

<sup>18</sup> O percurso de Galante a Campina é muito fácil de ser realizado, a viagem é rápida (cerca de meia hora) e há ônibus se dirigindo a Campina a cada 20 minutos. Devido a essa facilidade Galante apresenta uma forte ligação com Campina, várias pessoas se deslocam diariamente para fazer compras em Campina pela variedade de produtos e preços.

<sup>19</sup> MENEZES FILHO, Rosalvo . (coordenação) *Diagnóstico sócio-econômico e ambiental da zona rural de Galante – uma visão conjuntural*. Vol II/III. Campina Grande, Galante 2008. Pag. 33.

Em Galante são oferecidos os ensinos fundamental e médio, havendo escolas tanto na zona rural quanto na zona urbana<sup>20</sup>, somando um total de 13 escolas. Em 2008 foi inaugurada a Escola Estadual Izabel Rodrigues, com capacidade para 1.400 alunos. Contudo, vale ressaltar que nem todos os estudantes do ensino fundamental e médio estudam em Galante, algumas famílias mais abastadas colocam seus filhos para estudar nas escolas privadas de Campina Grande, principalmente em função da preparação para o vestibular.

Galante possui também duas bibliotecas, a Biblioteca Municipal e a Biblioteca da Escola Monsenhor Sales, que geralmente são pouco utilizadas pela população local, sendo freqüentadas principalmente por alunos quando estão realizando algum trabalho escolar.

A paisagem do distrito ganhou mais um local de utilidade pública bem como de visão agradável com a construção do Açude José Rodrigues. Entretanto, Galante pede mais atenção dos poderes públicos, para garantir a fixação dos que lá querem permanecer trabalhando pelo desenvolvimento local, pois desde que a barragem foi inaugurada <sup>já</sup> ainda não foram oferecidas condições para desenvolvimento de uma economia eficiente no que diz respeito à geração de renda para os moradores da localidade.



Imagem 01- Açude José Rodrigues, Distrito de Galante<sup>21</sup>

<sup>20</sup> O ensino médio é oferecido apenas nas escolas estaduais da zona urbana.

<sup>21</sup> Acervo pessoal da autora.

Como na maioria das pequenas cidades do interior, as opções de lazer e diversão em Galante são limitadas. Alguns jovens encontram em alguns esportes, como por exemplo, o futebol e a vaquejada uma forma de se divertir. Os principais locais freqüentados em Galante por quem procura se divertir nos fins de semana são os bares, as lanchonetes<sup>22</sup> e as áreas de banho. Entretanto, esses locais não atendem a todos os gostos, e muitos preferem ficar em casa assistindo televisão, ir à Campina Grande, ir à igreja ou ir para a zona rural.

As duas áreas de café colonial, a Fazenda Santana e a Casa de Cumpadre, não são acessíveis à maioria da população de Galante, sendo freqüentadas principalmente por pessoas de Campina Grande e outras localidades. Isso se dá não pelo alto preço cobrado pelos estabelecimentos, que é o preço do mercado, mas pela baixa renda de grande parte da população.

Assim como a maioria das cidades de pequeno e médio porte da Paraíba, o distrito de Galante apresenta suas limitações. Alguns dos problemas destacados na *Pesquisa sócio-econômica e ambiental da zona urbana de Galante* são: falta de planejamento urbano e saneamento básico; um grande número de migrantes na população jovem, que sai em busca de oportunidades nas cidades grandes; e um deslocamento progressivo dos que vivem na zona rural para a zona urbana, devido a algumas facilidades que não são encontradas no campo como água encanada, escolas para os filhos, transporte para Campina Grande, entre outros motivos.<sup>23</sup>

Apresentados esses problemas podemos nos questionar, o que efetivamente prende as pessoas em Galante? Pode-se afirmar que existe toda uma afinidade entre as pessoas bem como uma história familiar que vem a fazer a diferença de está em Galante e não em outro lugar, mesmo que existam outras oportunidades. A história familiar é um dos principais fatores que influenciam um sentimento de pertencimento ao local, onde uma sucessão de filhos, netos, bisnetos e até tataranetos remetem às primeiras famílias que se estabeleceram em Galante. A partir dos versos de José Welitom Menezes podemos identificar as principais famílias de Galante:

Com certeza isto é lógica, de Galante a população  
 Se fossemos fazer uma árvore genealógica  
 Correia e Menezes seria a semente da germinação  
 Mas também encontraríamos  
 Melo e Rodrigues em seu enraizar  
 Gomes e Amorim você vai encontrar  
 Campos e Bezerra, Vieira e Pessoa, começaram a se espalhar  
 Gonçalves de Freitas, Alves de Menezes

<sup>22</sup> Galante possui atualmente duas pizzarias, entre outras lanchonetes.

<sup>23</sup> MENEZES FILHO, Rosalvo. (coordenação) *Pesquisa sócio-econômico e ambiental da zona urbana de*

Começaram as famílias, a se misturar.  
E os Silvas daqui, misturaram-se com os Costas de lá.<sup>24</sup>

Existem algumas divergências no que diz respeito à emancipação política de Galante. De acordo com a *Pesquisa sócio-econômica e ambiental da zona urbana de Galante*, de uma forma geral a população deseja a emancipação política, pois a independência em relação a Campina Grande iria melhorar as condições de vida da comunidade, aumentando o número de empregos. Geralmente aqueles que se colocam contra são os que trabalham para a Prefeitura Municipal de Campina Grande, em média 10% da população, que provavelmente perderiam seus empregos.<sup>25</sup>

Alguns moradores do local reclamam que os vereadores de Campina Grande dificultam a emancipação política de Galante, visto que perderiam muitos votos e dificilmente seriam reeleitos.

A verdade é que o Distrito de Galante fica relegado a segundo plano no cenário político, econômico e social, e a sua transformação em município é uma possibilidade de desenvolvimento e melhoria na qualidade de vida de seus moradores.

No entanto, vale ressaltar que nem todos vêem a emancipação como uma forma de beneficiar a maioria, como defende o Sr. Dutra Oliveira Pessoa:

Tem hora que eu queria que Galante fosse emancipado, mas tem hora que eu acho que sendo distrito é melhor, porque Galante não tem renda pra se manter. Galante tá produzindo pouco, o comércio de Galante hoje é nada. Eu acho que sendo de Campina é melhor porque vem uma fatia dos recursos pra Galante, e sendo município vai beneficiar uma meia dúzia, porque quem tiver dentro da política tudo bem, mas o resto da comunidade fica sem nada. Tem hora que eu fico com raiva dos políticos e acho que era melhor se fosse cidade porque assim a gente tinha a quem reivindicar, mas pra comunidade é ruim porque não tem dinheiro.<sup>26</sup>

Divergências a parte, Galante ainda não apresenta as condições mínimas necessárias para a emancipação, em função da Lei Complementar Nº 01 de 09/09/1997, que estabelece o número de 10 mil habitantes para um distrito se tornar

---

<sup>24</sup> "A História de Galante em Versos", José Welitom Gomes Menezes, 2003.

<sup>25</sup> MENEZES FILHO, Rosalvo. (coordenação) *Pesquisa sócio-econômico e ambiental da zona urbana de Galante – uma visão conjuntural*. Vol III/III. Campina Grande, Galante 2008

<sup>26</sup> Depoimento do Sr. Dutra Oliveira Pessoa, de 66 anos, concedido à autora no dia 9 de Setembro de

município.<sup>27</sup> Nesse sentido, os que acreditavam que a emancipação estava próxima, precisam continuar aguardando:

E se Deus quiser, e ele vai querer  
Galante ainda vai ser  
Como pássaro que voa  
Todo dia no amanhecer  
Cantando a liberdade  
Que ainda vai nascer.<sup>28</sup>

## 1.2. Um breve histórico de Galante

Surge naquela época, a idéia da construção  
De uma estrada de ferro, pra transportar algodão  
Grande produto comercial do século que se passou  
Foi a partir do trem do algodão, que Galante começou.<sup>29</sup>

A fundação de Galante remete à primeira década do século XX e está diretamente ligada à estrada de ferro construída no interior da Paraíba pela companhia inglesa Great Western para facilitar o transporte do algodão, que era o principal produto de exportação da região. A implantação da estrada de ferro que ligava Campina Grande ao Recife ocorreu no ano de 1907, acelerando o processo de modernização da cidade e favorecendo sua articulação com o resto do país.

Nessa época o prefeito de Campina Grande era o dinamarquês Cristiano Lauritzem, que via o trem como um fator que impulsionaria o desenvolvimento da economia campinense, o que realmente aconteceu com a chegada de novos habitantes, novos investimentos e novas oportunidades para a população.

De acordo com o historiador Gervácio Batista Aranha, o trem de ferro teve um grande significado material e simbólico para as cidades nordestinas, visto que, além

---

<sup>27</sup> Como ainda não dispomos dos dados do censo 2010, não podemos afirmar se o distrito já atingiu o número de habitantes exigido por lei.

<sup>28</sup> A História de Galante em versos, escrita por José Weliton Gomes Menezes no ano de 2003.

<sup>29</sup> Idem.



de facilitar o transporte e a comunicação, ele era recepcionado pelas cidades por onde passava como um representante da modernidade e da civilização.<sup>30</sup>

Quando chegou pela primeira vez a Campina Grande, no dia 2 de outubro de 1907, o trem foi recebido com uma grande festa pela população. O cronista campinense Cristino Pimentel recorda da expressão de um espectador que assistiu emocionado ao espetáculo da chegada do trem: “Tava sem fé, seu moço, mas Deus me sustentou a vida até esse momento, prá nos vê a chegada do bicho e tá ele aqui butando fumaça do cano de riba e o povo saindo de dentro como formiga atrás da outra.”<sup>31</sup>

Essa alegria não era percebida apenas na estação, mas também ao longo do caminho percorrido pelo trem, como destaca Laura Menezes Amorim: “O povo ficou à margem da estrada para ver a passagem do trem dando vivas, atirando flores, levantando os braços gritando de alegria.”<sup>32</sup>

O mesmo trem que trouxe a noção de progresso, modernidade e civilização para algumas localidades, influenciou a formação de outros núcleos urbanos, como foi o caso do Distrito de Galante.

Segundo a professora Laura Menezes de Amorim, no local onde se formou o Distrito de Galante havia uma propriedade denominada Pau Careta<sup>33</sup>, pertencente ao Sr. João Correia de Menezes, recebida como herança do seu pai. Por possuir uma grande propriedade de terra e uma boa conduta moral, João Correia de Menezes era muito respeitado na região. Apesar de não saber ler nem escrever, até porque escolas eram raras nessa região naquela época, esse homem se relacionava muito bem com os políticos de Campina Grande, chegando a receber do desembargador Antônio de Meira Trindade, o título de major, “esses títulos eram conferidos às pessoas de caráter moral e também possuidores de condições financeiras. Eram as patentes: Major, Coronel, Tenente e Capitão da Guarda Municipal.”<sup>34</sup>

Em 1874 teve início no município de Fagundes uma rebelião contra o sistema de pesos e medidas imposto pelo governo que ficou conhecida como Quebra Quilos.

<sup>30</sup> ARANHA, Gervácio Batista. “Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880 – 1925)” In. *A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural*, PP. 79-132.

<sup>31</sup> PIMENTEL, Cristino. *Pedaços da história de Campina Grande*. Campina Grande : Livraria Pedrosa, 1958. p. 108. Apud NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes. *Campina Grande: Cenário de Sedução*. In. DANTAS, Eugênia, e BURITI, Iranilson (orgs). *Cidade e região: múltiplas histórias*. João Pessoa: Idéia, 2005.

<sup>32</sup> Documento “Fundação de Galante”, escrito por Laura Menezes Amorim em 13 de setembro de 1983.

<sup>33</sup> Algumas pessoas desconhecem a existência desse nome, o Sr. Dutra Oliveira Pessoa afirma que a propriedade do major João Correia, hoje pertence ao Sr. Orlando, se chamava Fazenda Galante, nome que foi mantido até hoje.

<sup>34</sup> Documento “Fundação de Galante”, escrito por Laura Menezes Amorim em 13 de setembro de 1983.

Essa revolta culminou na quebra dos pesos (quilos), que foram jogados dentro do Açude velho de Campina Grande. Para manter a ordem na região o Major João Correia de Menezes recebeu do desembargador Trindade 100 soldados, na época chamados de praças, que evitaram que outros comerciantes da área também aderissem à rebelião.

Na fazenda do Major existia uma bolandeira, que era uma espécie da máquina de descaroçar e fazer bolas de algodão para facilitar o ensacamento, movida por força animal, como descreve Seu Rosalvo de Correia Menezes, bisneto do Major João Correia de Menezes:

“Ele tinha ali onde é o curral de Orlando uma bulandeira (sic). Uma bulandeira (sic) é uma roda puxada por boi ou animal pra descaroçar algodão, foi antes do motor de algodão. Agora eram cavalos ou bois, o dia todinho arrodando pra com aquelas moendas descaroçar algodão, chamava-se bulandeira (sic).<sup>35</sup>

Ainda segundo Seu Rosalvo, além da bolandeira existia na fazenda de João Correia de Menezes uma senzala, onde ficavam seus escravos<sup>36</sup>, que provavelmente trabalhavam nas plantações de algodão. Com o fim da escravidão os negros permaneceram na região, chegando os seus descendentes a terem contato com o nosso depoente:

“Quando papai comprou a Jararaca, que é a nossa propriedade, que foi do Major João Correia, lá existia três, aliás, quatro negros cativos: Zé Pedreiro, Severina, Maria e Helena. Esses negros deixaram de ser cativos e não quiseram ir embora, aí ficaram na propriedade e quando papai comprou eles estavam lá. Eram quatro, eu conheci três, o velho eu não conheci não, conheci as três filhas, que quando papai comprou a propriedade elas estavam morando lá. Tinha uma chamada Severina, tinha Helena e Maria. Você se aproximava delas e elas se escondiam, você ia na casa delas e elas saíam de casa. Mas a Severina, não passou só dois anos pra eu poder me aproximar deia não. Quando via uma pessoa... era tudo mata naquela época, ela entrava no mato.”<sup>37</sup>

---

<sup>35</sup> Depoimento do Sr. Rosalvo de Correia Menezes, de 84 anos, concedido à autora no dia 13 de setembro de 2009.

<sup>36</sup> De acordo com Laura Menezes Amorim o Major João Correia nasceu no ano de 1842 e morreu em 1924. Por ele ser um grande proprietário de terra e como a escravidão no Brasil só teve fim em 1888, é bastante possível que o major tenha sido proprietário de escravos.

<sup>37</sup> Depoimento do Sr. Rosalvo de Correia Menezes, de 84 anos, concedido à autora no dia 13 de setembro de 2009.

Podemos perceber na fala de Seu Rosalvo que as descendentes dos escravos do Major João Correia demonstravam pânico quando ele tentava se aproximar delas, provavelmente esse medo ainda era resquício da escravidão. Elas devem ter ouvido dos seus pais histórias horríveis de trabalho excessivo e maus tratos, e temiam que o bisneto do Major quisesse repetir com elas o que havia acontecido com seus pais.

O responsável pela construção do trecho da estrada de ferro que ligava a cidade de Itabaiana a Campina Grande era o engenheiro Tomás Mindela, que solicitou ao coronel Gustavo de Farias Leite, um proprietário de terra do município de Fagundes, a permissão para que a estrada de ferro passasse por suas terras. O coronel recusou o pedido alegando que a estrada prejudicaria sua propriedade<sup>38</sup>. Então o engenheiro da Great Western, juntamente com seu advogado, o Dr. José de Melo, se dirigiu ao Sr. João Correia de Menezes, que cedeu sem demora o território requisitado para a construção da estrada de ferro.

Começado os trabalhos, foram surgindo estabelecimentos comerciais à medida que a estrada ia sendo construída, como lembra Seu Dutra Pessoa: “Não tinha Galante naquela época, não tinha o comércio de Galante. Fizeram ali perto da pedra onde hoje tem o cruzeirinho um barracão, que era um pequeno comércio que fornecia mercadoria aos trabalhadores.”<sup>39</sup> Quando um trecho da estrada ferroviária era concluído e o estabelecimento comercial ficava distante, outro era construído para atender às necessidades dos operários que trabalhavam na construção, e o antigo comércio estava fadado ao fracasso como foi o caso do Barracão.<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup> Como ressalta Regina Coelli Gomes Nascimento, o trem foi motivo de muitas reclamações por parte dos criadores de gado localizados no percurso Campina Grande - Ingá, que se sentiam prejudicados com a morte de suas reses na linha férrea, chegando a exigirem que a área de criação que ficava no percurso fosse cercada para evitar acidentes. NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes. Campina Grande: Cenário de Sedução. In. DANTAS, Eugênia e BURITI, Iranilson (orgs). João Pessoa: Idéia, 2005.

<sup>39</sup> Depoimento do Sr. Dutra Oliveira Pessoa, de 68 anos, concedido à autora no dia 9 de setembro de 2009.

<sup>40</sup> O barracão estava localizado no Sítio Lagoa do Surrão, onde hoje há um cruzeirinho branco de aproximadamente um metro de altura construído em cima de uma pedra, que guarda uma pequena estátua de Santo Antônio. De acordo com Seu Dutra O. Pessoa, esse cruzeirinho foi construído pelos trabalhadores da estrada de ferro, que encontraram uma pequena estátua de Santo Antônio dentro de um barril de vinho, e a mando do engenheiro construíram um pequeno cruzeiro para colocá-la dentro. A estátua que se encontra no cruzeiro hoje não é a mesma encontrada dentro do barril de vinho, visto que ela foi roubada provavelmente por moças procurando casamento, a que se encontra lá hoje é uma parecida levada pelo próprio depoente em procissão para pagamento de uma promessa.



Imagem 02- Estação de Galante<sup>41</sup>

A estação<sup>42</sup> construída recebeu o nome de Álvaro Machado, em homenagem ao então governador da Paraíba naquela época, daí muitas pessoas afirmarem que Galante se chamava Álvaro Machado:

Antigamente era Álvares Machado (sic), ai passou a ser Galante, mas eu não sei por que foi não. Quando passou a ser Galante eu não era nem vivo ainda, agora eu sei que o nome daqui era Álvares Machado(sic)... Galante que eu sei era ali na Lagoa do Surrão.<sup>43</sup>

Nesse sentido, há algumas divergências quanto à origem do nome Galante. Laura Menezes de Amorim dá duas explicações:

1º pela beleza natural vistas panorâmicas de seus planaltos e suas montanhas verdejantes que o circundavam.  
2º origem pela simpatia e elegância do engenheiro Dr. Tomás Mindele, ao avistá-lo, os primitivos habitantes exclamaram: que moço Galante sua beleza natural e, trato comunicativo com as pessoas com quem se comunicava, foi a atração.<sup>44</sup>

<sup>41</sup> Acervo pessoal da autora.

<sup>42</sup> A Estação Velha de Galante, como é conhecida hoje, tem uma localização que oferece uma visão privilegiada, por trás dela se encontra o Açude José Rodrigues e ao fundo está a Pedra de Santo Antônio, o principal ponto turístico do município de Fagundes. Essa estação está desativada desde 1997, sendo utilizada atualmente para receber o já famoso Trem Ferroviário durante o mês de junho.

<sup>43</sup> Depoimento do Sr. João Lopes de Souza, de 75 anos, concedida à autora no dia 11 de setembro de 2009.

<sup>44</sup> Laura Menezes de Amorim. Fundação de Galante. Fragmento transcrito tal qual se encontra no original.

No entanto, nem todos concordam com essa versão, como é o caso do Sr. Dutra O. Pessoa, que dá a seguinte explicação para a origem do nome Galante:

Eu sei de um jeito, mas Dona Laura contava de outro. O meu jeito é porque Galante, quem doou o terreno foi o Major João Correia, a fazenda do Major era ali onde é a fazenda de Orlando, e era conhecida assim "Fazenda Galante". Antes de chegar o trem Galante era Álvaro Machado. O primeiro nome foi Álvaro Machado. Mas o pessoal que vinha de Fagundes, do Jacaré, e dizia "vamos pra Fazenda Galante", "vamos pegar o trem lá em Galante", e quando tava no Ingá "uma passagem pra Galante, ai alguém dizia "é Álvaro Machado", ai disseram "todo mundo chama Galante então vamos mudar pra Galante". Ai ficou Galante mesmo. A fazenda do major é que se chamava Galante. Dona Laura contava que era por causa de um homem vistoso que veio para aqui, mas não foi isso não.<sup>45</sup>

Não é nosso intuito afirmar qual das explicações é a verdadeira, até porque fazendo isso estaríamos indo contra a posição adotada pela História de que não existe verdade absoluta, mas sim versões históricas dos acontecimentos. No entanto, a explicação do Sr. Dutra Pessoa parece ser mais plausível, pois, como o território onde se formou Galante já fazia parte de uma fazenda com esse nome, é bastante provável que ele permanecesse. Com essa idéia também corrobora o Sr. João Lopes que diz desconhecer o motivo da mudança do nome de Álvaro Machado para Galante, mas lembra que Galante era na Lagoa do Surrão, ou seja, no local onde se encontrava a fazenda do major. Já a explicação de Laura Menezes de Amorim parece um pouco romanceada, pois é difícil se pensar uma característica física de uma determinada pessoa, no caso o engenheiro Tomás Mindela, dando nome a um povoado. Contudo, a primeira versão apresentada por ela parece ser possível, pois é uma característica do próprio lugar que determina seu nome.

Depois de concluída a estação, denominada inicialmente Álvaro Machado, começou-se as construções na área que se localizava próxima a ela. Em 1910 foi construído o mercado publico pelo Major João Correia que, devido à doação das 50 braças de terra para construção da estrada de ferro e do terreno para a formação de um povoado, já era conhecido como o fundador de Galante. Segundo Laura Menezes Amorim, o primeiro mercado construído era simples e rústico, "um casarão de taipa aberto, com tarimbas para os açougues e pequenos quartos para hotéis. O salão ficava para os bancos da feira com a miudeza, sapatos, fazendas e etc"<sup>46</sup>

---

<sup>45</sup> Depoimento do Sr. Dutra Oliveira Pessoa, de 68 anos, concedido à autora no dia 9 de setembro de 2009.

<sup>46</sup> Documento "Fundação de Galante" escrito por Laura Menezes de Amorim em 13 de setembro de 1983.



Imagem 03 - Mercado Público de Galante<sup>47</sup>

Após a construção da estação e do mercado público, outros comerciantes passaram a se estabelecer nas imediações, como lembra ouvir falar Seu Dutra Pessoa:

Os primeiros comerciantes de Galante, segundo contou meu pai, foi João Firmino, que fez aquela casa onde hoje é o correio de Galante, Manoel Simplicio, que tinha uma casa ali perto da estação, e Vicente Firmino que fez aquela que é hoje biblioteca, que passou a ser de Gumercindo Dunda e depois de Dona Laura. Ai depois que esses três homens chegaram, chegou também Chico Dunda, Dona Nila, chegou Guilermino Barbosa, chegou outro rapaz, vou ver se me lembro o nome dele... to lembrando não, mas chegou Pimentel, que é o pai de Toinho, chegou Inacinho, ai veio Antônio de Melo, veio Mané Chico, que é comerciante, né . Ai depois veio Suelino, ai pegou a vim o povo.<sup>48</sup>

Passados dez anos da construção do mercado foi construída uma capela, onde foram celebradas as primeiras missas pelo vigário Monsenhor Salles, de Campina Grande, que se locomovia para Galante montado a cavalo.

---

<sup>47</sup> Acervo pessoal da autora.

<sup>48</sup> Depoimento do Sr. Dutra Oliveira Pessoa, de 68 anos, concedido à autora no dia 9 de setembro de 2009.

Com as novas construções, a chegada dos comerciantes e a montagem de um motor para descarregar algodão pertencente ao Sr. Francisco Barbosa Dunda, foi se formando uma pequena vila, sendo possível a realização de uma feira aos domingos, assim descrita pelo poeta amador de Galante:

Inicia-se Galante, nessa contextualização  
 Com comércio de tecidos e miudezas  
 Com máquinas de descarregar algodão  
 E com uma feira de encher mesa  
 Com quase tudo que você pudesse necessitar  
 Ia do nascer do sol até ele se deitar  
 Vinha gente de Campina e das redondezas do lugar.<sup>49</sup>

Mesmo com um comércio promissor, um templo religioso e um eficiente meio de transporte, ainda faltavam algumas instituições em Galante, principalmente aquelas que cuidassem da educação e da justiça. Para educar os filhos das pessoas que estavam morando em ou próximo a Galante foi fundada uma Escola Elementar Primária, sob direção de D. Isaura Chagas, que ensinava a ler e escrever. Em 1923 foi criada a Segunda Escola Primária Rudimentar, que tinha como professora D. Otilia Araújo Lima, paraibana residente na capital, que chegando a Galante se casou com Cícero Correia de Menezes, filho do Major João Correia.

No ano seguinte foi fundado o Primeiro Cartório de Registro Civil, que teve como escrivão o Sr. Antônio Faustino da Silva Amorim, genro do Major João Correia<sup>50</sup>. Para juiz da paz foi nomeando o Sr. Ludgéro Dias Silveira. Também foi criada uma Delegacia de Polícia, que funcionava em uma pequena casa residencial devido à falta de prédio destinado a esse fim.

Nesse período o principal produto da economia galantense era o algodão, que era plantado em grande quantidade pelos agricultores locais, mas esse não era o único, como ressalta em seus versos Welitom Gomes Menezes:

De fava milho e feijão  
 Era a agricultura da região  
 Enchendo a mesa do agricultor  
 Findando o ano tinha o algodão  
 E um dinheiro salvador.<sup>51</sup>

<sup>49</sup> "A História de Galante em versos", escrita por José Welitom Gomes Menezes em 2003.

<sup>50</sup> Antônio Faustino da Silva Amorim era casado com Clara Correia de Menezes, filha do Major João Correia de Menezes, juntos eles tiveram duas filhas, entre elas Laura Menezes de Amorim.

<sup>51</sup> "A História de Galante em versos", escrita por José Welitom Gomes Menezes em 2003.

No dia 19 de julho de 1924 faleceu o Major João Correia de Menezes com 82 anos de idade, “cego, mas lúcido, morreu a cominho do povoado de Galante, próximo a sua fazenda num domingo às 14 horas. Está sepultado no cemitério de Fagundes. Nessa época Galante não possuía cemitério, sendo construído um, em 1933”<sup>52</sup>.

Devido à doação de uma faixa de terra para a construção da estrada de terra, à edificação do Mercado Público e da Capela e à sua influência política na região o Major João Correia de Menezes ainda é lembrado por muitos como o fundador de Galante.

A partir do que foi exposto, podemos perceber que dos anos 30 até hoje Galante não mudou muito fisicamente, mas evoluiu em alguns aspectos, principalmente nas práticas cotidianas das pessoas, como por exemplo, morar, comer, divertir-se, rezar, etc., que serão analisadas no capítulo seguinte.

---

<sup>52</sup> “Fundação de Galante”, escrito por Laura Menezes de Amorim em 13 de setembro de 1983.



## CAPÍTULO II

### PRÁTICAS COTIDIANAS DOS GALANTENSES

#### 2.1. “Na Estação era uma festa grande”<sup>53</sup>: Conhecendo o espaço público de Galante a partir da segunda metade do século XX

A partir da segunda década do século XX a cidade de Campina Grande começou a passar por um processo de modernização, como apontam alguns estudos recentes<sup>54</sup>. No entanto, apesar de Galante ser distrito dessa cidade e se localizar a pouco mais de 20 km da mesma, não percebemos nessa localidade o mesmo processo de modernização naquele período.

Tendo como base os escritos deixados por Laura Menezes do Amorim, bem como alguns relatos orais, podemos afirmar que na década de 1950 Galante já apresentava características urbanas, entretanto, mesmo contando com um dos principais símbolos do moderno que era o trem, estava longe de alcançar o ritmo de modernização de Campina Grande.<sup>55</sup>

As construções em Galante inicialmente aconteceram em torno da linha férrea. Do lado norte, por volta da segunda metade do século XX, havia: uma residência pertencente ao Sr. Gumercindo Dunda, onde funcionava uma loja de compra de algodão (hoje a biblioteca), o mercado público, algumas casas perto do mercado (onde hoje se localizam o restaurante popular, a farmácia, dois bares e uma mercearia), na saída para Campina uma casa pertencente ao Sr. Manoel Matias e um armazém que

---

<sup>53</sup> Depoimento do Sr. Dutra Oliveira Pessoa, de 68 anos, concedido à autora no dia 9 de setembro de 2009.

<sup>54</sup> Entre os historiadores que trabalham a modernidade em Campina Grande podemos citar ARANHA, Gervácio Batista. **Trem e modernidade na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais**. Doutorado em História, Campinas, Unicamp, dezembro/2001. SOUSA, Fábio G. R. B. de. **Cartografias e imagens da cidade: Campina Grande- 1920-1945**. Doutorado em História, Campinas, Unicamp, 2001; SOUZA, Antônio Clarindo B. de. **Lazeres permitidos, prazeres proibidos. Sociedade, cultura e lazer na Campina Grande dos anos 50 e 60**. Doutorado em História, Recife, UFPE, 2002.

<sup>55</sup> Como mostra Gervácio Batista Aranha, para uma cidade ser considerada como moderna ela precisa apresentar um conjunto de equipamentos urbanos de uso coletivo tidos como novidade, como por exemplo: “nos transportes e comunicação (sistema de telegráfico, telefônico, ferroviário, etc.), na adoção de equipamentos de higiene e/ou conforto (sistema de água encanada e/ou esgoto, sistema de iluminação pública e privada, etc.), na construção de prédios e logradouros públicos destinados ao lazer (parques, praças ou passeios públicos), dentre outros”. ARANHA, Gervácio Batista. “Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925)”. In. **A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural**, pp. 67.

era propriedade do Sr. José Rodrigues (hoje um mercadinho). No lado sul havia a estação, algumas residências, a igreja, o Grupo Escolar Monsenhor Sales e outras casas. Além da rua central havia a Rua da Palha, hoje conhecida como Rua Major João Correia. O motivo desse nome é porque todas as casas da rua eram de taipa e cobertas com palha.

Os automóveis eram raros, existindo apenas uns caminhões usados para o transporte do milho e do algodão nos fins da década de 1950. Isso pode ser justificado pela ausência de estradas adequadas para carros, sendo o transporte de mercadorias realizado por animais, como recorda Seu Dutra Pessoa:

“Galante não tinha nem carro, com muito tempo foi que chegou caminhão, até os comerciantes de Galante, os granfinos, carregavam tudo em burro. Muitas vezes os trabalhadores iam ver saco de farinha de trigo lá na pista, também não tinha pista não, era estrada de terra, a BR só foi feita em 58, eu tava com 15 anos. Então o pessoal vinha com os burros carregados com farinha de trigo de Campina pra Galante pra fazer pão.”<sup>56</sup>

Por volta dos anos de 1950, das poucas ruas de Galante nenhuma era calçada, o que trazia transtornos para os moradores tanto no verão, devido à poeira, como no inverno, por causa da lama. A população também lidava com a ausência de um sistema de água encanada, problema que só irá ser resolvido no ano de 1983, com a construção de uma caixa d’água.

Antes da construção desse reservatório a água era transportada para as residências de Galante da Serra da Catuama e do sítio Pedra de Santo Antônio (ambos no município de Fagundes), em lombos de jumentos equipados com cangalhas, caçambas e barris<sup>57</sup>. Assim, era bastante comum encontrar-se nas ruas de Galante, tropas de jumentos carregados não só com água, mas também com sacos de algodão, levantando poeira por onde passavam.

Outro problema enfrentado pela população de Galante dizia respeito à iluminação pública. Como recordam alguns depoentes, a energia que iluminava o distrito era produzida por um “motor de explosão movido a óleo”<sup>58</sup>, obtido pelo

---

<sup>56</sup> Depoimento do Sr. Dutra Oliveira Pessoa, de 68 anos, concedido à autora no dia 9 de setembro de 2009.

<sup>57</sup> Depoimento do Sr. Rosalvo de Correia Menezes, 84 anos, concedido a autora no dia 13 de setembro de 2009. As caçambas as quais ele se refere são suportes de madeira usados para sustentar os depósitos de água.

<sup>58</sup> Idem.

vereador Antônio Alves Pimentel, que residia em Galante<sup>59</sup>. Esse motor gerava uma luz fraca que iluminava apenas a área central, ou seja, das proximidades da estação até o local onde hoje se localiza o Hospital de Galante. Geralmente as luzes ficavam acesas das seis até as dez horas da noite. No entanto havia exceções, como ressalta Seu Rosalvo Menezes:

Quando morria uma pessoa que tinha mais condições, invés da luz ser até as dez horas era até as seis da manhã, passava a noite todinha acesa. Aí quem tava lá na Pedra de Santo Antônio, de lá vê Galante todinho né, aí sem saber de nada dizia “em Galante morreu alguém, depois das dez ainda tem luz”. O pessoal sabia quando morria uma pessoa porque tinha o velório e passava a noite todinha com a luz acesa.<sup>60</sup>

O único fator que deixava o Distrito de Galante a frente de várias pequenas cidades do estado da Paraíba no que diz respeito à modernidade era o sofisticado meio de transporte que se encontrava ao dispor dos moradores de Galante e região: o trem. As pessoas podiam se deslocar para outras cidades do estado, como por exemplo, Campina Grande, Ingá, Itabaiana e João Pessoa, e até mesmo para cidades de outro estado, como a cidade do Recife, que era a mais visitada pela população de Galante e região. O trem mais famoso para os galantenses era o Asa Branca, que passava uma vez por semana, saindo do Recife (PE) com destino a Fortaleza (CE), e que circulou a partir de 1958.

O trem era visto pelos moradores de Galante e região como algo fascinante, diferente de qualquer coisa já vista. Ele não era simplesmente um meio de transporte, era bem mais que isso, era um equipamento que divertia e encantava. A viagem de trem era uma forma que as pessoas encontravam para si divertir, não importando o que elas tinham que caminhar até a estação. Não há forma melhor de expressarmos a alegria que uma viagem de trem trazia para as pessoas do que através das memórias de um passageiro:

Se você morasse lá em cima na serra e você viesse pra Galante pra viajar de trem, você vinha com todo amor do mundo. Viajar de trem era uma coisa muito bonita. Só o prazer de entrar no trem pra passear. E se fosse pro Recife, Ave Maria, o prazer era imenso de endoidar. Não era essas máquinas que hoje roda, eram umas máquinas preta, Lang-tang, Lang-tang, Lang-tang... Era bonito demais. Dava um apito e o povo gritava “lá vem o trem, lá vem

<sup>59</sup> Segundo o Sr. Dutra O. Pessoa, a residência desse político se localizava onde hoje se encontra uma mercearia pertencente à senhora Marinalva, ao lado do mercado.

<sup>60</sup> Depoimento do Sr. Rosalvo de Correia Menezes, 84 anos, concedido a autora no dia 13 de setembro de 2009.

o trem...” e corria pra beira da estrada por cima de barreira de tudo pra ver. Todo mundo ia olhar porque era bonito, era bonito mesmo. Agora porque as coisas mudaram, hoje tem ônibus, vem um vem outro, vem um vem outro.<sup>61</sup>

No entanto, há um caso em que a alegria de viajar de trem se transformou em tristeza, devido a um acidente. Deixemos que o Sr José Gomes de Araújo nos conte como tudo aconteceu:

Minervina. Ela veio lá das Frecheiras prá pegar o trem aqui em Galante. Ela chegou lá em Antonio Monteiro muito contente porque ela nunca tinha andado de trem. Aí Antonio Monteiro perguntou: “ô Minervina porque é que tu tá tão contente?” ela disse: “é porque eu vou prá Campina no trem”, ele disse: “Minervina, tu nunca andasse de trem, se eu fosse tu eu não ia não”, e ela disse: “eu vou porque me disseram que andar de trem é bom demais”. Aí ela foi, quando chegou aqui em Galante e foi pegar o trem ela não esperou o trem parar e foi subir no trem correndo, aí atrapalhou-se e caiu. O trem passou por cima e cortou as duas pernas dela. Aí ela ficou muito tempo, ficou com a cabecinha branca e os catocos de perna, arrastando a bunda pelo chão. Ela ainda viveu um bocado de tempo, bem uns dez anos.<sup>62</sup>

Na maioria das vezes os acidentes que envolviam o trem estavam relacionados à falta do conhecimento do maquinário por parte da maioria das pessoas. Como era a primeira vez que a passageira viajava de trem ela podia achar que o trem não parava e que as pessoas entravam no vagão enquanto ele estava em movimento. Talvez ela tenha ouvido alguém falar que o trem não parava, passando por cima de tudo que tivesse na sua frente, e achou que na estação era do mesmo jeito. Também é possível que devido ao entusiasmo e a pressa de satisfazer seu desejo ela não tenha esperado o trem parar.

É importante ressaltar que o trem servia a todas as pessoas, mas com distinção, como recorda a Sra. Maria de Azevedo Rodrigues: “no trem tinha primeira, segunda e terceira classe. Era separado, eu andava na primeira. Mas todo mundo andava de trem, cada um no seu lugar”<sup>63</sup>. Como na maioria dos espaços públicos, no

<sup>61</sup> Depoimento do Sr. João Lopes de Souza, de 75 anos, concedido à autora no dia 11 de setembro de 2009.

<sup>62</sup> Depoimento do Sr. José Gomes de Araújo, de 68 anos, concedido à autora no dia 4 de outubro de 2009. As Frecheiras a que ele se refere era o nome de um sítio do município de Fagundes, que hoje faz parte do Sítio Surrão, localizado a aproximadamente 10 km da Estação de Galante.

<sup>63</sup> Depoimento da Sra. Maria de Azevedo Rodrigues, de 89 anos, concedido à autora no dia 8 de setembro de 2009.

trem entravam todos, ricos e pobres, entretanto, cada um ocupava um espaço reservado, que dependia das suas posses.

Como ressalta Gervácio Batista Aranha, aonde o trem chegava havia uma movimentação econômica bastante intensa, além de promover mudanças comportamentais e culturais no cotidiano da população<sup>64</sup>. A estação era um espaço de sociabilidade, onde as pessoas esperavam, conversavam, recebiam notícia e se divertiam. Dessa forma, é comum as pessoas afirmarem que “a estação era muito movimentada e animada, era uma grande festa.”<sup>65</sup>

O movimento no centro de Galante ficava ainda mais intenso nos dias de domingo, quando acontecia a feira, que começava às cinco da manhã e acabava às cinco da tarde. Além do mercado público e dos estabelecimentos comerciais que já existiam, eram montadas barracas no meio da rua. Era comum encontrar-se marchantes matando bodes no meio da rua e pendurando a carne em suportes de madeira próximo à linha férrea.<sup>66</sup>

A realização de uma grande feira no Distrito de Galante, que não mais acontece hoje em dia, pode ser explicada pela dificuldade que as pessoas tinham de se deslocar semanalmente para fazer compras em Campina Grande ou em Fagundes, que eram os municípios próximos. Apesar de contar com um moderno meio de transporte, as pessoas achavam mais cômodo, talvez até mais barato, comprarem as mercadorias de que necessitavam na feira local.<sup>67</sup>

Segundo o Sr. Dutra Pessoa, em 1958 um missionário veio realizar uma Missão Popular em Galante ficou incomodado ao ver uma feira sendo realizada no dia de domingo. Então ele mandou que a população mudasse o dia da feira para o sábado, pois o domingo era dia de ir para a igreja rezar, e caso isso não acontecesse, o comércio de Galante acabaria, juntamente com a produção<sup>68</sup>. A ordem do padre não foi cumprida inicialmente, visto que até a década de 1980 a feira continuava sendo

---

<sup>64</sup> ARANHA, Gervácio Batista. “Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925)”. In. **A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural**, pp. 79-123.

<sup>65</sup> Depoimento da Sra. Geralda Gomes, de 80 anos, concedido à autora no dia 10 de outubro de 2009.

<sup>66</sup> Depoimento do Sr. Dutra Oliveira Pessoa, de 68 anos, concedido à autora do dia 9 de setembro de 2009.

<sup>67</sup> A feira livre de Galante está desativada há mais de 30 anos, o que aconteceu de forma lenta e gradual. A decadência do comércio local se iniciou depois que o trecho que liga Galante a Campina Grande foi asfaltado. Com a facilidade de deslocamento devido às boas estradas e com a implantação de linhas regulares de ônibus, ficou tentador o deslocamento para Campina, onde os preços e a variedade de produtos compensam o custo da passagem.

<sup>68</sup> Depoimento do Sr Dutra Oliveira Pessoa, de 68 anos, concedido à autora no dia 9 de setembro de 2009.

realizada no domingo, e a profecia do padre lentamente e aparentemente foi se concretizando.

Como ressaltam quase todos os nossos depoentes, Galante tinha uma economia bastante diversificada. O algodão era produzido em larga escala, como lembra o Sr. Rosalvo de Menezes Correia:

Aqui o plantio de algodão era monstro, em quase toda propriedade era algodão... Aí vinha tudo aqui para as duas usinas, fazia uma pilha no meio da rua porque não tinha onde acumular. Fazia uma esteira de madeira no chão e ia botando os sacos em cima depois cobria com lona. Ia beneficiando e levando prá Campina, aí vendia na SANBRA e a Anderson Cleyton, uma firma americana que comprava em Campina.<sup>69</sup>

Além do algodão, Galante se destacava também pela produção de milho e feijão, “chegando a exportar milho para Liverpool”<sup>70</sup>, e “produzir tanto feijão quanto Irecê, na Bahia”<sup>71</sup>. Esse mesmo progresso não é percebido hoje, Galante tem passado por um período de decadência notório:

Hoje ninguém tem um roçado. Eu mesmo me casei em 50, em 51 eu botei um roçado ali perto de Torreiro, naquele cercado que é de Catão, botei um roçado e bati 150 sacos de feijão, em Galante hoje, talvez juntando o povo todo não dá 150 sacos de feijão.<sup>72</sup>

Uma forte característica da população de Galante desde a fundação é a religiosidade, e predominou a religião católica até a década de 1970, quando foi erguido o primeiro templo evangélico.<sup>73</sup> Durante o mês de maio as pessoas se juntavam para rezar para Santa Maria, a mãe de Jesus Cristo. Rezava-se o terço todos os dias do mês e no último dia era realizada uma grande festa, que acontecia não só na igreja, mas também nas residências na zona rural.<sup>74</sup>

<sup>69</sup> Depoimento do Sr. Rosalvo de Correia Menezes, de 84 anos, concedido à autora no dia 13 de setembro de 2009.

<sup>70</sup> Idem.

<sup>71</sup> Depoimento do Sr. Dutra Oliveira Pessoa, de 68 anos, concedido à autora no dia 11 de outubro de 2009.

<sup>72</sup> Depoimento do Sr. Rosalvo de Correia Menezes, de 84 anos, concedido à autora no dia 13 de setembro de 2009.

<sup>73</sup> De acordo com Marina Candido da Silva Oliveira, de 80 anos, a primeira Igreja evangélica edificada em Galante foi a Assembléia de Deus em meados dos anos 1970. Essa informação foi concedida à autora em um depoimento no dia 24 de outubro de 2009.

<sup>74</sup> A tradição de rezar o mês de maio ainda é praticada atualmente em Galante. Tanto na Igreja, como nas comunidades na zona rural as pessoas, principalmente as mulheres, se reúnem para rezar o terço todas as noites e no último dia do mês realizam um ritual de coroação de uma imagem de Nossa Senhora.

Também eram rezadas novenas, para pedir ou agradecer algum bem concedido, terços em homenagem a um parente ou amigo falecido e eram realizadas procissões para pagamento de promessas. A religiosidade aflorava ainda mais quando aconteciam em Galante as missões populares, que realizavam casamentos, batizados, pregações e procissões. Entre os sacerdotes da Igreja Católica que rezaram junto com os galantense podemos citar: Frei Damião, Frei Modesto, Padre Geraldo e Padre Anselmo Pietrula, que era bispo de Campina Grande. Eles chegavam a Galante de trem e eram recebidos na estação por uma multidão que se dirigia ao local em procissão.

Religião e diversão, apesar de se apresentarem como práticas opostas, a primeira se aproximando da salvação e a segunda da perdição, sempre caminharam juntas em Galante. Divertir as pessoas através de festas, que serão mais bem trabalhadas adiante, era (e ainda é) uma forma encontrada pela Igreja para adquirir recursos para suas obras. A própria Igreja matriz de Galante, que foi edificada na década de 1950, foi construída com recursos arrecadados de uma vaquejada e de uma grande festa, que recebeu doação, principalmente de gado, dos fazendeiros da região.<sup>75</sup>



Imagem 04- Igreja Católica de Galante<sup>76</sup>

---

<sup>75</sup> Depoimento do Sr Dutra Oliveira Pessoa, de 68 anos, concedido à autora no dia 11 de outubro de 2009.

<sup>76</sup> Acervo pessoal da autora.

Depois de feito essa breve percurso pelo cenário público de Galante a partir da segunda metade do século XX, adentraremos a seguir nas residências, destacando as práticas cotidianas das pessoas.

## 2.2. “Era panela de barro e tigela de barro”: <sup>77</sup> Práticas cotidianas no espaço privado

Como já foi exposto anteriormente, as construções de Galante eram simples, existindo casas de tijolos e de taipa. Os que tinham mais condições habitavam casas de tijolos, com vários cômodos, grandes janelas e com uma localização privilegiada, ou seja, na rua central, próximo à linha férrea.



Imagem 05- Casa que pertencia ao Sr. Gumercindo Barbosa Dunda (Hoje a biblioteca de Galante)<sup>78</sup>

Também havia as casas nas fazendas, que além de possuírem vários cômodos e grandes janelas, eram cercadas por varandas. Assim Dona Maria de Azevedo Rodrigues lembra da casa onde ela morou antes de se casar, localizada no Sítio

<sup>77</sup> Depoimento da Sra. Marina da Silva Oliveira, de 78 anos, concedida à autora no dia 24 de novembro de 2009.

<sup>78</sup> Acervo pessoal da autora.



Surrão: “A casa da gente era muito grande, muito bonita, muito bem cuidada, tinha um jardim muito bonito do lado.”<sup>79</sup> Já as casas dos menos favorecidos financeiramente, eram em grande parte construções de taipa ou de tijolos sem emboço, com cobertura de palhas e com poucas divisões.

As pessoas costumavam acordar cedo, ao ouvirem o apito do primeiro trem, que passava às cinco horas da manhã.<sup>80</sup> Depois de levantar da sua cama simples de madeira com colchão de palha e limpar os dentes com raspas do tronco do pé de juá, a dona de casa ia ascender seu fogão à lenha para preparar o café. Esse tipo de fogão era comum em todas as casas, existindo o simples e o mais sofisticado que era o fogão inglês, com capacidade para uma grande quantidade de lenha, utilizado principalmente nas fazendas.

O cheiro do café ganhava a rua, até porque não era qualquer tipo de café, mas o café torrado num caco de barro, misturado com açúcar ou rapadura e pisado num pilão.<sup>81</sup> O café era acompanhado por cuscuz, pão, coalhada e carne assada nas residências mais abastadas. O resto da população se contentava com cuscuz, angu e café, quando tinha.

Depois de tomar o café da manhã, os homens iam cuidar dos seus afazeres. Aqueles que eram comerciantes se dirigiam para seus estabelecimentos, e os agricultores iam cuidar dos seus roçados acompanhados por seus filhos. Enquanto as mulheres ficavam em casa cuidando dos serviços domésticos.

Aquelas que tinham mais condições financeiras, como era o caso da Sra. Maria de Azevedo Rodrigues, esposa do fazendeiro Benedito Rodrigues, dono da Fazenda Várzea do Arroz, era auxiliada por duas mulheres para cuidar dos filhos e dos serviços da casa. Já as mulheres menos abastadas tinham que fazer tudo sozinhas, ou então contar com a ajuda de uma vizinha ou uma familiar, que ficasse olhando os meninos enquanto elas realizavam as tarefas domésticas.<sup>82</sup>

---

<sup>79</sup> Depoimento da Sra. Maria de Azevedo Rodrigues, de 89 anos, concedido à autora no dia 8 de setembro de 2009.

<sup>80</sup> Como ressalta Gervácio Batista Aranha, o trem trouxe a noção de tempo disciplinado, além de servir como referência para as pessoas orientarem o horário de realização de suas tarefas. ARANHA, Gervácio Batista. “Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925)”. In. **A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural**, pp. 79-123.

<sup>81</sup> Depoimento da Sra. Maria de Azevedo Rodrigues, de 89 anos, concedido à autora no dia 8 de setembro de 2009.

<sup>82</sup> Nessa época, como destacam os nossos depoentes, era comum os casais terem vários filhos. Geralmente as mulheres casavam jovens, antes dos vinte anos, e como não utilizavam nenhum método contraceptivo, passavam toda a juventude tendo filhos, algumas mulheres chegavam a ter vinte filhos.

As roupas eram lavadas em casa e depois de limpas e secas eram passadas com ferro à brasa, o que nem sempre agradava as donas de casa, como podemos perceber em alguns depoimentos:

Engomava as roupas dos meninos no ferro de brasa. Era dois ferros de brasa, porque um só não dava, esfriava e tinha que botar brasa de novo, assim eram dois. Ave Maria, aquilo era horrível. A gente botava brasa, no fogão não faltava lenha, aí comprava um saco de carvão pra engomar, botava o carvão dentro do fogo, do fogão inglês.<sup>83</sup>

Ferro era ferro de brasa, enchia de brasa e carvão, fumaçava, os panos ficavam fedorentos.<sup>84</sup>

Após a limpeza da casa e das roupas, as mulheres iam colocar mais lenha no fogão e preparar o almoço para quando seus maridos e filhos voltassem do trabalho. Assim como o café, o almoço variava de acordo com as posses de cada família. Os mais abastados comiam feijão, farinha de mandioca ou cuscuz, arroz, carne no molho ou assada na banha de porco, e um pedaço de rapadura ou um copo de café como sobremesa. Enquanto que os menos favorecidos financeiramente se conformavam em comer feijão com farinha ou cuscuz, acompanhado por ovo ou peixe, o arroz geralmente era consumido em dias de festas, como por exemplo, no Natal.<sup>85</sup>

A comida era cozinhada em panelas de barro. Só no início dá década de 50 foi que começaram a aparecer panelas de metal no mercado<sup>86</sup>, como lembra a Sra. Maria de Azevedo Rodrigues:

“Comprava panela de barro porque só era o que tinha. Tempo depois, quando eu vim pra Galante, em 52, a mulher de cumpade (sic) loiô, cumade (sic) Dazinha disse “cumade (sic), já tá aparecendo bacia de zinco na feira, aí oxente, se comprou muito, a gente encheu tudo de bacia, aí deu uma melhoradaziha.”<sup>87</sup>

---

<sup>83</sup> Depoimento da Sra. Maria de Azevedo Rodrigues, de 89 anos, concedido à autora no dia 8 de setembro de 2009.

<sup>84</sup> Depoimento da Sra. Marina Candido da Silva Oliveira, de 80 anos, concedido à autor no dia 24 de outubro de 2009.

<sup>85</sup> Idem.

<sup>86</sup> Mais uma vez podemos perceber a distância que separava Galante e Campina Grande no que diz respeito à modernidade. Nessa época, como destaca Gervácio Batista Aranha, Clarindo Barbosa de Souza e Fábio Gutemberg R. B. de Sousa, Campina possuía sistema de água encanada, energia elétrica, cinemas, telégrafo, praças para passeios públicos, entre outros equipamentos, enquanto que em Galante no ano de 1952, algo tão simples como panelas de metal eram novidade, sendo considerado algo moderno.

<sup>87</sup> Depoimento da Sra. Maria de Azevedo Rodrigues, de 89 anos, concedido à autora no dia 8 de setembro de 2009.

Depois de cozinhada em panelas de barro, que durante muito tempo ainda foram usadas, a comida era servida em pratos de louça, sendo comum dois tipos de louça: a grossa e a chamada vidrada. As famílias com menos posses não contavam com nenhum desse tipo de louça, comendo em pratos de barro ou de porcelana. Terminado o almoço, nada melhor que um copo d'água da forma, que se encontrava coberta por um pano e uma tampinha de madeira.<sup>88</sup>

Durante a tarde o trabalho continuava, tanto para os homens quanto para as mulheres. Chegando a noite a iluminação das casas ficava por conta dos candeeiros, dos lampiões ou do motor de energia que gerava luz para a rua, dependendo das escolhas e das posses de cada um.

A rotina dos galantenses era alterada nos dias de festas, pois além das tarefas dos dias normais as pessoas ainda tinham que cuidar do figurino. O que representava maior preocupação para as mulheres. Os homens com menos posses substituíam suas calças remendadas no joelho e suas camisas gastas pelo tempo, usadas nos dias de trabalho, por calças e camisas feitas com um tecido chamado mescla, guardadas especialmente para as ocasiões especiais, como festas, missas ou enterros. Também trocavam suas sandálias feitas com pneus velhos por suas “apragatas de couro”.<sup>89</sup>

Já as mulheres eram mais exigentes na arrumação. Depois de vestir os seus vestidos de chita, e calçar os seus tamancos, elas iam cuidar do cabelo e da maquiagem.<sup>90</sup> Para dar uma cor rosada ao rosto e aos lábios eram usadas folhas de carbono vermelho, e para que o cabelo ficasse no lugar colocava-se banha de porco, que estava misturada com folhas de manjerição para deixar o cheiro menos desagradável. As unhas também recebiam uma atenção especial, como recorda Dona Marina:

Não tinha esmalte pra botar na unha, pegava um matinho roxo que tinha uma florzinha, passava nas unhas e ficavam todas pintadinhas. Ou então folhas de marmeleiro que tinha um leitinho que a gente passava e ficava brilhando, depois ficava amarela.<sup>91</sup>

---

<sup>88</sup> Idem.

<sup>89</sup> Depoimento da Sra. Marina Candido da Silva Oliveira, de 79 anos, concedido à autor no dia 24 de outubro de 2009.

<sup>90</sup> De acordo com nossas depoentes a calça era pouca usada pelas mulheres, que vestiam principalmente saias e blusas ou vestidos, confeccionados por costureiras da região. A calça era considerada como peça do vestuário masculino que não deveria ser usada por uma mulher que valorizava a moral e os bons costumes.

<sup>91</sup> Depoimento da Sra. Marina Candido da Silva Oliveira, de 78 anos, concedido à autor no dia 24 de outubro de 2009.

É interessante perceber como as mulheres pobres, não tinham condições de adquirir modernos produtos para usar no rosto, nas unhas e no cabelo, no entanto, encontravam maneiras de criar seus próprios produtos, obtendo um efeito semelhante ao alcançado pelas mulheres de camadas mais elevadas da sociedade.

Deixemos que Dona Irene nos diga como ela se arrumava para ir para a festa de Nossa Senhora da Conceição:

Eu, quando eu me arrumava pra festa eu butava a roupa na goma, nas saias era bastante goma, que era pra no dia da celebração a gente ta com a saia godê lisa, e a gente colocava uma saia de armação por debaixo e ficar bem alinhada mesmo. De tarde ta pensando que a gente jantava? A gente não jantava não que era pra não ficar com a barriga grande mostrando no vestido, a gente ia sem jantar e quando chegava lá, já tava combinado com os namorados, mas quando mãe ia com a gente era pra nove horas voltar. A festa começava depois de sete horas, não tinha missa não, a missa era de manhã.<sup>92</sup>

Depois de conhecermos as casas e as roupas vestidas pelas pessoas nos dias de festas, ficaremos sabendo a seguir quais as festas que mais divertiam os galantenses.

### **2.3. Festas de Galante e dos galantenses**

O calendário de festas do Distrito de Galante era bastante diversificado. Ainda no início do ano, no mês de fevereiro, era realizada a festa de Carnaval, que apesar de simples, animava bastante os galantenses, que se reuniam na Rua da Chã para dançar forró<sup>93</sup> e se divertir com o boi do carnaval, animado por um cidadão chamado Cícero, e com os bonecos de mamulengo. Também aconteciam desfiles pelas ruas ao som de uma orquestra de Timbaúba ou de Itatuba. Aqueles que ficassem desatentos podiam retornar para casa com suas roupas de festa manchadas com farinha de trigo ou goma de mandioca jogadas por algum engraçadinho.

Passados alguns meses chegava o São João. É importante ressaltar, de acordo com relatos de memória sobre o São João do passado, que a forma de comemorar os santos do mês de junho era bem diferente da atual. Assim como em Campina Grande, onde as festas juninas eram caracterizadas como uma

<sup>92</sup> Depoimento da senhora Irene Tomé de Oliveira, de 65 anos, concedido à autora no dia 16 de maio de 2011.

<sup>93</sup> O forró era o ritmo mais apreciado pelos galantenses, embalando inclusive as festas de carnaval.

comemoração familiar até a década de 1970<sup>94</sup>, em Galante também não havia a realização de uma grande festa como acontece atualmente.

A véspera de São João, dia 23 de junho, era um momento de encontro e confraternização entre familiares e amigos, que se reuniam principalmente nos sítios, para assistir à queima da fogueira e comer milho assado, como lembra Seu João Lopes: “Veio ter essas festas de São João depois do governo dos Cunha Lima, mas de primeiro festa de São João era bale (sic) nos pés de paus, milho assado, fogueira e forró, somente isso mesmo. Hoje a festa é muito diferente.”

Segundo o Sr. Rosalvo de Correia Menezes, aqueles que não quisessem ficar em casa ou visitar amigos na véspera de São João poderiam se dirigir ao Galante Clube, que se localizava na saída para Campina Grande, onde hoje se encontra um mercadinho<sup>95</sup>. Talvez por ter sido um espaço freqüentado pelos mais abastados, algumas pessoas desconhecem a existência de um clube em Galante, como é o caso do Sr. Dutra Pessoa, que afirma que em Galante nunca existiu clube, havendo, no espaço onde Seu Rosalvo diz se localizar o clube, um armazém de venda de cereais pertencente ao Sr. José Rodrigues, onde aconteciam alguns forrós, “mas só quem freqüentava mais era o povo da rua, o povo do mato não tinha vez não.”<sup>96</sup>



Imagem 06 – Armazém que pertencia ao Sr. José Rodrigues

<sup>94</sup> LIMA, Elizabeth Cristina de Andrade. **A fábrica dos Sonhos: a invenção da festa de junina no espaço urbano**. João Pessoa: idéia, 2002.

<sup>95</sup> Depoimento do Sr. Rosalvo de Correia Menezes, de 82 anos, concedido à autora no dia 13 de setembro de 2009.

<sup>96</sup> Depoimento do Sr. Dutra Oliveira Pessoa, de 66 anos, concedido à autora no dia 9 de setembro de 2009.

(Hoje um mercadinho)<sup>97</sup>

Ainda de acordo com o Sr. Dutra Pessoa, os menos favorecidos financeiramente passaram a ter um espaço para comemorar o São João e também o Carnaval, depois que um rapaz morador da Rua da Chã chamado Clidenor construiu um salão de festas. No Salão de Clidenor a animação ficava por conta do Sr. Eugênio, um artista ainda hoje lembrado por muitos galantenses.

Foi Vilino pandeirista que me noticiou  
 Que em Galante já teve um grande tocador  
 E não tocava só aqui mas por todo este Sertão  
 Representando Galante, com forró e animação  
 Com fama de quem na sanfona era gênio  
 Forrozeiro por aqui só tinha o Sr. Eugênio  
 O irmão Antônio Jacinto, acompanhava no cavaquinho  
 Vilino no pandeiro tocava bonitinho  
 Um irmão de D. Dinaura, chamado Danda  
 Acompanhava Sr. Eugênio, com uma espécie de zabumba.<sup>98</sup>

As festas de São João feitas em casa, apesar de simples, também eram muito animadas, como recorda Dona Rosa:

Tinha festa no São João, mas a gente fazia em casa, minha mãe não deixava a gente vir pra festa de São João aqui em Galante não, a gente fazia fogueira em casa, fazia festinha de moça, sabe como é? Antonio Vicente tocava no pandeiro e a gente dançava, no pandeiro, só tinha pandeiro, ele tocando e cantando e a gente dançando.<sup>99</sup>

O mês de setembro era o tempo de expressar o amor à pátria. Um mês antes do dia 7 as escolas começavam os preparativos, eram hasteadas as bandeiras e os estudantes cantavam todos os dias os principais hinos brasileiros: o hino nacional, o da independência e o da bandeira. No dia 7 acontecia um grande desfile cívico que encantava todo o Distrito de Galante. Crianças e jovens vestidos com roupas que lembravam as conquistas do nosso país, como por exemplo, o futebol e o militarismo, desfilavam pelas ruas acompanhados por bandas de música.

<sup>97</sup> Acervo pessoal da autora.

<sup>98</sup> "A História de Galante em versos", escrita por José Welitom Gomes Menezes em 2003.

<sup>99</sup> Depoimento da Sra. Rosa Pereira da Silva, de 72 anos, concedido à autora no dia 11 de setembro de 2009.



Imagem 07- Desfile do dia 7 de setembro realizado na década de 1990<sup>100</sup>

Atualmente não é mais realizado um grande e organizado desfile no dia 7 de setembro, como ressalta Seu Rosalvo:

Hoje aqui não comemora o dia sete, no meu tempo no dia sete os colégios todos desfilavam. Cada professora tinha sua turma pra desfilarem, e hoje, vamos dizer assim, faz dez anos que acabaram com o desfile de Galante, não existe dia sete em Galante. Tem essa banda que em vez de tocar aqui vai embora pra Campina, Ingá, Fagundes, Boa Vista e aqui não fazem nada. Agora é preguiça das professoras e também um diretor ou diretora que não tem autonomia pra dizer “eu quero o desfile das escolas em Galante”.<sup>101</sup>

Os motivos para o fim de um grande desfile em Galante no dia 7 de setembro possivelmente vai muito além da desmotivação dos professores e diretores das escolas. Com o fim do Regime Militar em 1985 o civismo que envolvia os brasileiros foi aos poucos perdendo força, principalmente depois que tal período passou a ser associado à repressão e ao autoritarismo.

Nesse sentido, a população de Galante, assim como a de muitas outras cidades brasileiras, não vê mais o dia 7 de setembro como um dia para grandes comemorações, pois ela se encontra inserida em outro momento histórico, com valores e preocupações diferentes.

<sup>100</sup> Foto cedida à autora pela galantese Kuerlane Araújo.

<sup>101</sup> Depoimento do Sr. Rosalvo de Correia Menezes, de 82 anos, concedido à autora no dia 13 de setembro de 2009.

Como destaca Maria Izilda Santos de Matos, os valores e os comportamentos que são aceitos em uma sociedade num certo momento podem ser rejeitados em outras formas de organização ou em outros períodos.<sup>102</sup>

No mês de novembro o sagrado e o profano se misturavam e ainda hoje continuam se misturando nas comemorações para Nossa Senhora da Conceição, a padroeira de Galante. A esse evento dedicaremos a uma análise mais aprofundada adiante.

No mês seguinte, ou seja, dezembro, as comemorações eram pelo nascimento do Menino Jesus, acontecendo uma das festas mais esperada pelos galantenses, que era a festa de Natal. Mais uma vez eram montados pavilhões e barracas para atender aos participantes, além de um pequeno parque de diversão com um carrossel e uns jogos chamados pela população de bazar. Assim como na festa da padroeira, todos participavam da festa de Natal, independente de suas posses, mas só os que tinham mais condições financeiras ocupavam o pavilhão.

A festa durava a noite inteira, mas nem todos podiam ficar até o final, as moças, sempre acompanhadas, deveriam estar de volta em casa antes da meia noite, mesmo que isso atrapalhasse as paqueras ou um possível namoro, como recorda Dona Rosa:

As festas eram muito boas, quando era fim de ano era bom demais. A gente vinha de pés (sic), minha mãe trazia a gente e a gente ficava até 11 horas da noite, ou 10 horas, aí dava sono nela e ela chamava a gente. Ela tinha um cuidado maior do mundo. Chamava as meninas de Tide e as meninas de Vicente Firmino, Terezinha, Lurdes, Teta, a gente vinha tudinho prá rua namorar. Quando chegasse a hora ela dizia “vamos se embora”(sic), dava no pé. As vezes a gente tava paquerando qualquer coisa aí ela pegava na orelha e dizia “vamos pra casa, tem serviço pra fazer.”<sup>103</sup>

Com o passar do tempo a festa de Natal de Galante foi deixando de ser um evento de rua para se tornar uma confraternização familiar, ocorrendo uma mudança inversa a que aconteceu com as comemorações do São João. Atualmente as pessoas preferem se reunir em casa com parentes e amigos na noite da véspera de natal.<sup>104</sup>

<sup>102</sup> Matos, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

<sup>103</sup> Depoimento da Sra. Rosa Pereira da Silva, de 74 anos, concedido à autora no dia 11 de setembro de 2009.

<sup>104</sup> Seguindo a tradição ainda hoje é realizada em Galante uma festa de Natal, porém bem diferente da de antes. A festa é realizada no mercado público ou no ginásio de esportes, com algumas bandas de forró eletrônico, reunindo geralmente uma grande quantidade de jovens que não valorizam tanto os momentos em família, preferindo estar com os amigos ou namoradas.



Como lembram os nossos depoentes, em Galante também era realizada a festa de Ano Novo, porém com bem menos expressão que a de Natal, visto que uma grande festa no último dia do ano acontecia em Fagundes, o município vizinho, para onde se dirigiam muitos galantenses.

Além das festas que se encontravam nas datas comemorativas, aconteciam outras festas que divertiam os moradores de Galante, ou pelo menos parte deles. Uma delas era a Festa das Personalidades, realizada para homenagear os filhos dos galantenses mais abastados que se formavam em algum curso superior, sendo esta festa restrita à elite, como lembrada por Seu Rosalvo:

Antigamente tinha uma festa aqui em Galante, chamava-se festa das personalidades. As personalidades era essa rapazeada que estudava e se destacava no meio social. Ai se formava em medicina, se formava em qualquer tipo de formatura, entendeu? Ai viajava porque aqui o meio não competia, não tinha mercado pra ele, né. Ai se marcava essa festa, programava ela, e fazia os convites pra esse pessoal que era filho de Galante. Até Doutor Marcone que era filho de tia Tide, dono de um hospital de câncer em Volta Redonda, até ele vinha. Tinha muita gente formada, ai dava o nome de Festa das Personalidades. A festa era no clube, agora era festa. Nessas festas não entrava todo mundo não, só entrava quem era convidado, agora vamos dizer assim, vai ter um baile no dia tal, ai podia ir quem quisesse ir. Esse era baile familiar, vinha gente de Campina para as festas no clube, agora era familiar, não entrava essa cabrueira não.<sup>105</sup>

Ainda de acordo com Seu Rosalvo, era organizada em Galante uma brincadeira chamada Assustado, que consistia em um grupo de moças e rapazes, acompanhados pelo sanfoneiro Eugênio ou então Zeca Pretin, que iam para as fazendas aos domingos cantar e dançar forró, das duas às seis da tarde.

Outro tipo de festa bastante apreciada pelos galantenses era a festa de casamento, que variava de acordo com as posses das famílias dos noivos, mas que geralmente eram muito animadas. Quando se aproximava o dia do casamento a mãe da noiva ia à casa de uma louçeira (mulher que confeccionava utensílios de barro), e mandava fazer as panelas para preparar as comidas que iam ser servidas no dia do casamento.

Chegado o dia do matrimônio, os noivos se dirigiam à Igreja acompanhados pelos padrinhos, familiares e amigos. Os que tinham um pouco mais de condições financeiras iam montados em cavalos e conseguiam um ajudante chamado

---

<sup>105</sup> Depoimento do Sr. Rosalvo de Correia Menezes, de 82 anos, concedido à autora no dia 13 de setembro de 2009.

popularmente de “Barbosa”<sup>106</sup> para carregar as malas com as roupas dos noivos em um burro. Os que não tinham cavalos iam caminhando mesmo.

Depois de receber a benção do padre, os noivos e seus acompanhantes retornavam para a casa da noiva, onde eram recebidos com um almoço, no qual era servido pirão, farofa, carne de peru e de galinha. As famílias mais abastadas chegavam a matar um boi para servir aos convidados. “A bebida era cachaça, era gasosa pra juventude, coca-cola não existia, era guaraná, licor se tivesse, era o vinho, se tivesse no comércio, era genebra, pras negras beberem se embebedar e balançar os quartos.”<sup>107</sup>

Para ilustrar melhor o que está sendo dito, deixemos que Seu João nos conte como foi o seu casamento com Dona Rosa:

Quando eu me casei, que foi bem dizer um dia desse, casamos e viemos de pés. Minhas testemunhas foi Perolina, Batista Guedes e nós fomos de pés (sic) e voltamos. A festa foi boa toda, tinha uma perua, duas galinhas, eu sei que comeu todo mundo e dançou-se a noite todinha. Hoje em dia tem um tal de chá de cozinha pra ajuntar presente pra noiva, no meu tempo não tinha isso não, se ela tivesse uma calcinha bem, se não... não tinha esse negócio não, era panela de barro, tigela, cuscuzeira de barro, era uma louceira da mulesta (sic), e era bonito demais.<sup>108</sup>

Ao contrário do que muitos pensam os casamentos de antes entre os membros das famílias que tinham mais condições financeiras não era só formalidade ou obedecia apenas aos interesses financeiros das famílias, mas também poderia ter paixão. Um exemplo disso foi o casamento da Sra. Maria de Azevedo Rodrigues, filha de fazendeiro da região, com Benedito Rodrigues, um conhecido comprador de leite. Hoje viúva, ela ainda lembra com carinho da época que namorava, ou melhor, gostava dele<sup>109</sup>:

Nesse tempo ele comprava leite por ali, ele era muito bonito quando era novo, velho mesmo ele não era feio não. Muito simpático, alegre,

---

<sup>106</sup> Depoimento da Sra. Marina Candido da Silva Oliveira, de 80 anos, concedido à autor no dia 24 de outubro de 2009.

<sup>107</sup> Depoimento do Sr. João Lopes de Souza, de 75 anos, concedido à autora no dia 11 de setembro de 2009.

<sup>108</sup> Idem.

<sup>109</sup> De acordo com a depoente, as moças não usavam o termo “namorando”, mas sim “gostando” para se referir à fase inicial de um relacionamento: “Naquele tempo as coisas eram muito rigorosas com moça. E quem era doido de dizer que tava namorando, ninguém dizia isso não, quando eu tava namorando, eu tava gostando de Benedito o povo dizia, por ali aqueles conhecidos dizia a menina de Seu Nô ta gostando do filho da viúva, ela mora lá em Galante, ele é tão bonito o rapaz”. Depoimento da Sra. Maria de Azevedo Rodrigues, de 89 anos, concedido à autora no dia 8 de setembro de 2009.

bonito... Ele ia lá em casa com o irmão dele José Rodrigues, ele vivia comprando leite, ele entrava, sentava, conversava, aí eu na janela do lado de dentro e ele encostava pelo lado de lá, ficava atrás na calçada, assim.<sup>110</sup>

Depois de conhecermos as principais festas que proporcionaram diversão aos galantenses nas últimas décadas, passaremos a seguir para uma análise mais aprofundada de uma festa que vem acontecendo em Galante nos últimos cinquenta anos: A festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição.

---

<sup>110</sup> Depoimento da Sra. Maria de Azevedo Rodrigues, de 89 anos, concedido à autora no dia 8 de setembro de 2009.

## CAPÍTULO III

### FESTA DA PADROEIRA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

#### 3.1. A festa de antes

Festejar o dia da padroeira Nossa Senhora da Conceição<sup>111</sup> significa um dos principais acontecimentos do ano para os católicos do Distrito de Galante. É um momento único de opulência, recreação e religiosidade.

Não se sabe precisamente quando teve início as comemorações da padroeira Nossa Senhora da Conceição em Galante, temos informação apenas de quando e como tal entidade da religião católica passou a ser padroeira de Galante, deixemos que o poeta amador de Galante nos conte:

Em vinte, um terreno é doado pelo fundador  
Pra construção de uma igreja, pro seu santo protetor  
Mas por falta de uma imagem, do santo de devoção  
Santo Antônio dá a vaga a Nossa Senhora de Conceição.<sup>112</sup>

Nesse sentido, no caso de Galante, a escolha da santa protetora não foi marcada pelo mistério, por aparições miraculosas ou algo parecido, mas pelas condições do momento. O major João Correia doou um terreno onde seria construída uma capela para Santo Antônio, de quem ele era devoto, porém ele não possuía uma imagem desse santo para colocar no altar, tinha apenas uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, que dessa forma, se tornou a santa protetora do local.<sup>113</sup>

A festa de Nossa Senhora da Conceição teve início como uma comemoração puramente religiosa no dia oito de dezembro, e como muitas pessoas se reuniam no centro de Galante para rezar pela mãe de Jesus, os comerciantes aproveitavam para vender comida e bebida aos fiéis.<sup>114</sup>

---

<sup>111</sup> Nossa Senhora da Conceição (ou concepção) é uma invocação de Maria, mãe de Jesus. Seu dia é celebrado em 8 de dezembro. No distrito de Galante geralmente as comemorações têm início uma semana antes desse dia, pois como a festa é realizada para a santa protetora do local um único dia de comemoração a igualaria aos demais santos. Além disso, é montado o pavilhão que deve ser aproveitado o máximo possível, caso contrário gera mais despesas que lucros.

<sup>112</sup> "A História de Galante em Versos", José Welitom Gomes Menezes, 2003.

<sup>113</sup> Idem.

<sup>114</sup> Depoimento da senhora Marina Cândido da Silva Oliveira, de 80 anos, concedido à autora no dia 21 de junho de 2011. Nas palavras dela "Antes tinha missa e o povo fazia a festa, festa na rua, nos butiquim, no pavilhão, o povo fazia o pavilhão por conta deles, não era nada de Igreja não, era tudo separado, não tinha nada de Igreja não."

Só depois de quarenta anos é que a festa passou a ser organizada por pessoas ligadas à Igreja, que perceberam no evento uma forma de angariar fundos para as obras da Igreja, provavelmente seguindo o exemplo de paróquias de outras cidades que já haviam atrelado devoção e diversão nas comemorações do seu santo protetor.

De acordo com a senhora Carmelita Moizinho de Freitas, conhecida pela população de Galante como Dona Litinha, que há quarenta anos ajuda na organização, a festa teve início como um evento ligado à Igreja por volta de 1960.<sup>115</sup> Nesse período o trem de ferro ainda estava em funcionamento, aumentando, assim, o número de devotos na festa.

Naquele tempo as comemorações eram mais curtas que hoje. As missas começavam a ser celebradas três dias antes do dia de Nossa Senhora da Conceição e sempre ocorriam no fim da tarde. Antes da missa começar os fieis percorriam as ruas do centro do distrito conduzindo a imagem da santa em um andor<sup>116</sup>, geralmente carregado por homens, como recorda dona Marina: “Antigamente tinha procissão de Nossa Senhora da Conceição, saindo da Igreja pra praça, de tardzinha, umas quatro hora pra cinco hora. Tinha uns andores que os homens levava com a santa e o pessoal ia acompanhando rezando.”<sup>117</sup>

Já a festa do pavilhão<sup>118</sup>, como é conhecida a parte lúdica das comemorações do dia de Nossa Senhora da Conceição, durava apenas dois dias. O pavilhão era montado em frente ao mercado ou próximo à praça, ou seja, afastado da Igreja. Provavelmente os organizadores acreditavam que se a parte profana da festa permanecesse afastada da religiosa, ambas não se confundiriam. Era uma forma de preservar a casa de Deus e a imagem da santa.

No pavilhão a festa era animada por um seresteiro, e quando não era possível a presença deste, por um som ligado. Entre umas canções e outras acontecia o leilão, quando eram arrematados animais doados pelos fazendeiros, galinhas assadas e brindes<sup>119</sup> doados pelos comerciantes. Dona Irene se lembra de alguns dos objetos leiloados:

---

<sup>115</sup> Depoimento da senhora Carmelita Moizinho de Freitas, de 65 anos, concedido à autora no dia 24 de junho de 2011.

<sup>116</sup> No momento em que a imagem de Nossa Senhora da Conceição era conduzida no andor ela ficava literalmente acima dos homens.

<sup>117</sup> Depoimento da senhora Marina Candido da Silva Oliveira, de 80 anos, concedido à autora no dia 21 de junho de 2011.

<sup>118</sup> O pavilhão da festa de Galante é uma tenda coberta por lona, embaixo da qual são colocadas mesas e cadeiras para os freqüentadores.

<sup>119</sup> Como eram chamados os objetos doados pelos comerciantes para serem arrematados no leilão.

O leilão era de presente, era pra arrematar presente como caixa de sabonete helcalon, caixa de pó desse tamanho assim, e Antonio Tavares era o rapaz que arrematava pra a gente. E perfume era um tal de perfume chamado valerí, o perfume de antigamente era esse, que era o melhor que tinha. Antigamente era só presente que os rapaz arrematavam pras namoradas, falava o nome da namorada Fulana de Tal ai o rapaz já sabia quem era. Nercisa minha irmã, arrematavam pra ela, os rapaz de Galante eram tudo doido por ela.<sup>120</sup>

Arrematar um presente no leilão para uma moça, além de mostrar que o rapaz tinha posses, também era um passo para conquistá-la, significando ainda, assunto para as conversas do dia seguinte.

Por ser um evento organizado pela Igreja no meio da rua, a festa da padroeira era freqüentada por pessoas de todas as camadas sociais, o que não implicava dizer que todos permaneciam juntos dividindo o mesmo espaço. Aqueles que tinham melhores condições financeiras ficavam dentro do pavilhão comendo, bebendo e arrematando os objetos e animais do leilão, enquanto que os mais humildes ficavam do lado de fora assistindo, ou então caminhando pela rua, como recorda Seu Dutra:

A gente não tinha vez no pavilhão de Galante, só quem entrava era os ricos, assim, da Várzea do Arroz e o povo de Vicente Firmino, os parentes dele, agora, o povo do sítio ficava nas ruas, pra cima e pra baixo tomando cerveja quente, guaraná, tomava tudo nas barracas, agora eram muitas barracas.<sup>121</sup>

No entanto, a questão financeira não era o único motivo que impedia as pessoas de entrarem no pavilhão. As moças que iam para a festa sem uma companhia masculina, como um pai ou um irmão, também permaneciam do lado de fora, mesmo recebendo um convite para entrar, como lembra Dona Irene:

Os namorados queriam levar a gente pro pavilhão, mas as mães não deixava...não deixava não minha filha, ai a gente quando era pra vim embora até chorar a gente chorava no caminho de raiva. Eu não entrava no pavilhão porque mãe não deixava, nenhuma da gente ficava. Era muita gente de Galante que entrava no pavilhão. Eles chamavam a gente pra tomar alguma coisa, mas mãe só deixava num butiquim daqueles. Tinha barracas na rua.<sup>122</sup>

<sup>120</sup> Depoimento da senhora Irene Tomé de Oliveira, de 65 anos, concedido à autora no dia 16 de maio de 2011.

<sup>121</sup> Depoimento do Senhor Dutra Oliveira Pessoa, de 68 anos, concedido à autora no dia 9 de setembro de 2009.

<sup>122</sup> Depoimento da senhora Irene Tomé de Oliveira, de 65 anos, concedido à autora no dia 16 de maio de 2011.

Para comemorar com os galantenses o dia da santa protetora do local se faziam presentes famílias das cidades vizinhas, principalmente de Campina Grande e Fagundes. As pessoas dos sítios próximos a Galante também se faziam presente no evento<sup>123</sup>, mesmo que o percurso até o núcleo urbano do distrito durante a noite não fosse fácil, deixemos que Dona Irene nos descreva a viagem:

Eu morava na Lagoa do Surrão e ia de pés e voltava de pés. A gente já tava certo com os namorados pra ir, aí quando chegava lá, os namorados já tavam esperando a gente, e ia muita moça com a gente, mas as mães da gente iam tudinho pra tomar de conta, e levava sabe o que? Um candeeiro, caixa de fósforo, cada cá com um candeeiro com gás, desse tamanho o candeeiro, cabia meia garrafa de gás, que era pra vim e voltar acesso.<sup>124</sup>

Era comum também a presença de políticos, como lembra Dona Litinha: “Os políticos nessa época já vinham de Campina Grande, vinha Antônio Pimentel<sup>125</sup>, pai de Toinho, que sempre compareceu nas festas.”<sup>126</sup>

Nesse sentido, os moradores das cidades vizinhas, dentre eles políticos, construíam representações da festa da Padroeira diferenciadas. Seus interesses e percepções de mundo faziam com que eles se transportassem até Galante e vivenciassem seus cotidianos em consideração ao que lhes tocavam.

Além do pavilhão montado pela Igreja, eram montadas barracas, chamadas pela população de botequim, para a venda de bebidas<sup>127</sup> e uma roda-gigante, que contava até com sistema de alto falante, como rememora Dona Irene:

Tinha uma roda gigante que era de João Bernardo, um rapaz de Queimadas. Ai dizia “oferece esse mensagem sonora a minha namorada Fulana de Tal” ai dizia o nome do namorado. Era tipo um alto falante. Já tinha energia. Isso era na base de 60, eu comecei a namorar em 55.<sup>128</sup>

<sup>123</sup> Pessoas de diferentes locais vêm e consomem a festa de forma diversificada, pois, como ressalta Maria Izilda Santos de Matos, as práticas são inventadas a partir da memória e do conjunto se representações que é produzido sobre elas.

<sup>124</sup> Idem.

<sup>125</sup> O Antônio Pimentel ao qual Dona Litinha se refere era pai do atual vereador de Campina Grande Antônio Pimentel Filho.

<sup>126</sup> Depoimento da senhora Carmelita Moizinho de Freitas, de 65 anos, concedido à autora no dia 24 de junho de 2011.

<sup>127</sup> Essas barracas que ficavam fora do pavilhão geralmente pertenciam aos comerciantes, não pertencendo seus lucros, assim, à Igreja.

<sup>128</sup> Depoimento da senhora Irene Tomé de Oliveira, de 65 anos, concedido à autora no dia 16 de maio de 2011.

Nesse sentido, podemos afirmar que nos dias que antecederiam o dia de Nossa Senhora da Conceição o centro do Distrito de Galante ganhava ares de festa, contando com equipamentos que não estavam ali em outros dias do ano.

### 3.2. A festa de hoje

Poucas são as mudanças que podem ser observadas na festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição em Galante se comparada com a realizada na década de 60. As principais mudanças estão relacionadas ao tempo de duração da festa, como ressalta Dona Litinha:

Mudou um pouco, agora as festas duram mais, né, são oito dias de festa. Temos agora a parte religiosa que começa oito dias antes da festa, e também tem esse jantar que a gente faz no pavilhão que de primeiro não tinha e agora tem, né, o jantar dançante.<sup>129</sup>

Atualmente as celebrações em homenagem à padroeira de Galante começam uma semana antes do dia 8 de dezembro. Geralmente são convidados padres de outras paróquias para celebrar as missas. A procissão não é mais realizada, permanecendo a Imagem de Nossa Senhora na Igreja durante todas as comemorações.

A missa, além de representar o sacrifício de Cristo, é uma oportunidade para o padre agradecer aos organizadores da festa e aos políticos que a apóiam. Os políticos geralmente, além de apoiarem a festa financeiramente, se fazem presente nas comemorações. Como ressalta uma de nossas depoentes: “Nos sábados os políticos vinham. Vinha dos dois lados, Pimentel e Romero com a turma.”<sup>130</sup>

Como podemos observar na frase citada, a população local se encontrava dividida entre dois políticos bastante influentes no distrito<sup>131</sup>, e ambos procuravam se fazer presentes no dia que a festa reunia maior quantidade de pessoas, ou seja, o sábado. Esse é o dia escolhido pelos políticos para se aproximar dos eleitores, se apresentando como católicos praticantes comprometidos com as obras da Igreja.

<sup>129</sup> Depoimento da senhora Carmelita Moizinho de Freitas, de 65 anos, concedido à autora no dia 24 de junho de 2011.

<sup>130</sup> Depoimento da senhora Marina Candido da Silva Oliveira, de 80 anos, concedido à autora no dia 21 de junho de 2011.

<sup>131</sup> Nossa depoente se refere ao período em que Romero Rodrigues, hoje deputado federal, era vereador de Campina Grande (entre os anos de 1992 e 2006), e no Distrito de Galante disputava os votos da população com Antônio Pimentel. Hoje em dia a festa ainda é freqüentada por vários políticos, mas não é mais percebida a rivalidade que existia quando os dois políticos citados acima eram candidatos à reeleição para vereador.



Nesse sentido, podemos inferir que os políticos que saem de Campina Grande para participar das comemorações de Nossa Senhora da Conceição em Galante na maioria das vezes vêm a festa como uma oportunidade para demonstrar comprometimento com a população local e confrontar seu rival.

Caso um vereador de “um dos lados” não comparecesse, seus eleitores ficariam decepcionados, pois eles entendem tal ausência como uma desvalorização para com a população local, enquanto que os partidários do político presente se sentem estimados e procuram fazer com que o “convidado ilustre”, juntamente com seus acompanhantes se divirtam bastante.

A presença de um político acarreta um conjunto de representações. Será comum nos depoimentos as pessoas relerem a vinda dos políticos que apoiava, o que implica dizer que a presença deste era sentida de uma forma diferente das demais pessoas que se faziam presentes. A sua presença significava para muitos valorização.

Ao patrocinar a festa os políticos procuram afirmarem-se como líderes moral dos católicos do lugar e, dessa forma, reafirmar-se enquanto líder político. Dessa forma, através da festa os vereadores promovem a si mesmos como patrocinadores da festa.

No que diz respeito à parte recreativa da festa poucas mudanças também podem ser observadas. O pavilhão ainda é montado, geralmente próximo à Igreja, quase em frente da mesma.

Para as pessoas que trabalham na organização da festa os preparativos começam meses antes da montagem do pavilhão, quando elas se juntam em grupo para percorrer as ruas e os sítios do distrito arrecadando doações para serem vendidas e arrematadas no leilão<sup>132</sup>. Na maioria das vezes os católicos<sup>133</sup> das casas visitadas ajudam com o que podem, pois se está pedindo em nome de Nossa Senhora da Conceição.

Quando chega os dias da festa o trabalho dos organizadores se multiplica, principalmente para as mulheres, que são as responsáveis pelo preparo das comidas que são servidas no pavilhão. São elas que devem matar as galinhas doadas e deixá-las apetitosas para serem arrematadas a noite. O dia que as mulheres trabalham mais certamente é o primeiro dia, quando é preparado um jantar self service para ser vendido aos fiéis após a missa.

---

<sup>132</sup> As pessoas dos sítios geralmente doam animais como galinha de capoeira, carneiros, bodes e bezerros, enquanto que as das ruas doam objetos dos mais diversos, desde eletro doméstico, como liquidificadores, batedeiras, cafeteiras, ferro de passar e etc, até artigos de cama, mesa e banho, como conjuntos de copos, faqueiros, conjunto de toalhas, lençóis para camas, tapetes, dentre outros.

<sup>133</sup> Como o distrito é pequeno e a maioria das pessoas se conhecem, geralmente as pessoas que saem para arrecadar as doações sabem quem são os católicos e os evangélicos.

A tarefa dessas mulheres se encontra permeada por saberes e valores, pois se trata de artes de fazer. Tais práticas, segundo Certeau, se encontram permeadas por estratégias e táticas próprias.<sup>134</sup>

É importante ressaltar que aqueles que participam da organização da festa angariam prestígio entre seus pares e/ou a satisfação pessoal com a organização da festa, além de conquistar neste evento um lócus privilegiado para exaltação de suas crenças religiosas. Dai ser comum a vinda de pessoas de Fagundes para ajudar na festa de Galante e vice-versa.

Na maioria das vezes as pessoas saem da missa, que termina por volta das nove e meia da noite, e vão para o pavilhão. No entanto há aqueles que preferem ir direto para suas casas e aqueles que não assistem a missa e ficam esperando a festa começar do lado de fora da Igreja.

O pavilhão montado tem aproximadamente trinta metros de comprimento e dez de largura, embaixo da lona são colocadas mesas e cadeiras. Geralmente em uma das extremidades fica um espaço reservado para a banda de forró se apresentar, e na outra são colocadas frizeres e mesas para guardar as comidas e bebidas que são servidas, bem como os objetos a serem leiloados.

Os animais geralmente ficam amarrados do lado de fora, próximo à entrada do pavilhão. Na hora do leilão os de pequeno porte, como bodes e carneiros, são conduzidos para dentro para que os interessados possam saber de qual animal se trata.

Além de ser um momento dos fieis rezarem para Nossa Senhora da Conceição e se divertirem, a festa da padroeira também é o momento dos moradores e visitantes de Galante demonstrarem para seus pares que tem dinheiro para gastar na festa. Isso pode ser feito não apenas com uma grande mesa que reúna toda família<sup>135</sup>, onde todos comem e bebem, mas principalmente no decorrer do leilão.

Pagar duas ou três vezes mais o valor de um objeto ou animal é algo que todos se recusam a fazer em dias normais, mas no dia da festa é bastante comum, pois além de ser uma festa da Igreja, há muitas pessoas do local para assistirem tal gesto. Ou seja, fazer caridade, para muitos, é mais interessante quando os outros vêem.

Alguns menos favorecidos financeiramente fazem questão de sentar em uma mesa do pavilhão e arrematar nem que seja uma galinha assada, pois é uma forma por eles encontrada de tentar se igualar ao restante dos freqüentadores, e assim

---

<sup>134</sup> Para maiores detalhes ver CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano. Artes de fazer.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

<sup>135</sup> Por ser uma festa realizada pela Igreja, famílias inteiras se reúnem no pavilhão, desde crianças até idosos.

garantir para si um lócus privilegiado na festa.<sup>136</sup> Esse ato é significativo para elas, pois está ligado à forma como tais pessoas representam a festa, ou seja, como uma oportunidade para se igualarem aos demais. Quando essas pessoas se pronunciam no leilão, não é raro um engraçadinho gritar “vai pagar cinquenta reais num galeto agora e passar o resto da semana comendo ovo”.

Assim, o pavilhão não se encontra reservado apenas às pessoas mais abastadas, podendo entrar qualquer um, desde que tenha dinheiro pra gastar naquele momento, como ressalta Dona Marina: “Quem ficava no pavilhão era quem tinha dinheiro, era pobre e rico, quem tinha dinheiro”.<sup>137</sup> No entanto, na maioria das vezes as pessoas que entram no pavilhão e participam do leilão são aquelas que possuem melhores condições financeiras, a quem o dinheiro gasto na festa não fará grande falta.

Nesse sentido, podemos dizer que a festa é também um local de conflito, não apenas entre os mais e menos abastados, mas também entre pessoas, e as vezes famílias, que não se gostam e aproveitam o leilão para confrontar seus desafetos. Arrematar algo que seu rival aparentava querer é uma forma de derrotá-lo momentaneamente.

Difícilmente os políticos se envolvem em disputas no leilão, até porque pra eles as atenções seriam redobradas, além de contarem com toda uma torcida. Aquele que perdesse para o outro ia demonstrar fraqueza perante seus eleitores. Então como nenhum quer perder eles preferem não se arrisquem.

O padre é uma figura bastante importante nas noites de festa. Terminada a celebração eucarística ele tira a batina e se dirige ao pavilhão para cumprimentar as pessoas que lá se encontram e agradecer pela presença, ocupando assim, o lugar de anfitrião do evento.

Para a maioria dos jovens a festa é um importante momento de lazer, confraternização e diversão. Muitos preferem permanecer do lado de fora do pavilhão, onde podem paquerar e namorar longe dos olhares dos católicos mais assíduos, que provavelmente iriam acusá-los de estarem desrespeitando a festa. Fora do pavilhão

---

<sup>136</sup> O historiador Roger Chartier defende a idéia de que não existe uma cultura de elite e/ou uma cultura popular. Para ele, ambas se fundem, muito embora cada segmento use representações próprias para delimitar seu lugar. CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*; Lisboa: Difel, 1998.

<sup>137</sup> Depoimento da senhora Marina Candido da Silva Oliveira, de 80 anos, concedido à autora no dia 21 de junho de 2011.

eles podem beber nos bares e se divertirem em um pequeno parque de diversão<sup>138</sup> que é montado em Galante quando está se aproximando o dia da festa da padroeira.

Dessa forma, é importante ressaltar que as comemorações de Nossa Senhora da Conceição implica em mudanças momentâneas para vida da população, pois nas semanas que antecedem o dia oito de dezembro o centro do distrito ganha uma nova cara, convidando seus moradores a permanecerem mais tempo na rua.

Vale destacar ainda, que a festa proporciona um aumento nos lucros dos comerciantes, não apenas para aqueles que vendem comidas e bebidas nas barracas próximas ao pavilhão, mas também para os donos de lojas de roupas, calçados e perfumes. Não podemos deixar de lembrar também das pessoas que trabalham nos salões de beleza, bastante procurados pelas mulheres nos dias de festa.

### 3.3. O sagrado e o profano<sup>139</sup>

É importante ressaltar que os valores e sentimentos celebrados no momento da missa são diferentes daqueles ressaltados durante a festa. A missa evoca a comunhão com Cristo, o louvor a Nossa Senhora da Conceição e a fé católica. Já a festa desperta sensações de divertimento, lazer e brincadeira, conduzindo ao prazer da dança, da bebida e da paquera. Assim, os valores cristãos ficam, no momento da festa, temporariamente suspensos.

No entanto, os galantenses não vêem problema em haver recreação na festa de Nossa Senhora da Conceição, pelo contrário, muitos afirmam que se não houver música, dança e bebida a festa fica “fraca”, ou seja, não irá atrair pessoas e conseqüentemente, não trará lucro para a Igreja. Na voz de Dona Marina: “Eu sou a favor da venda de bebida e da música porque tem que ter pra pegar em dinheiro. Se não tiver a festa fica fraca e não dá ninguém.”<sup>140</sup>

<sup>138</sup> O parque que é montado em Galante geralmente é composto por duas rodas-gigantes (uma para criança e outra para adultos), um espalha brasas, um carrossel e um balão que as crianças entram para pular. Além do parque são montadas barracas de tiro ao alvo.

<sup>139</sup> De acordo com Mierae Eliada, o sagrado é em primeiro lugar algo diferente do profano, pois ele já se mostra como algo diferente. Temos assim, segundo esse autor, duas modalidades de experiência: sagrada e profana, ou seja, dois modos de ser-no-mundo, duas situações existenciais assumidas pelo homem e que dependem das conquistas que fizerem do Cosmos. Para maiores detalhes ler ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano – a essência das religiões**. Tradução: Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

<sup>140</sup> Depoimento da senhora Marina Candido da Silva Oliveira, de 80 anos, concedido à autora no dia 21 de junho de 2011.

Além disso, a festa antiga possuía aspectos lúdicos e tinha caráter recreativo, representado pela bebida, dança, canções e paquera. O que faz da parte recreativa da festa uma tradição dos católicos de Galante.

Dona Litinha reconhece que devoção e diversão não deveriam se misturar, no entanto uma necessita da outra:

Em termos de igreja é errado, né, mas se fizer o pavilhão e não colocar bebida também não vai ninguém lá, né. A gente até já pensou em fazer sem a bebida, mas a comissão da festa viu que o pessoal não vai se não tiver bebida e música. Então é da Igreja, mas é um pouco afastado da igreja o funcionamento, né. A festa profana mesmo é festa de rua.<sup>141</sup>

De acordo com a fala da nossa depoente, a parte recreativa da festa é permitida, pois acontece na rua, ou seja, fora da Igreja.

Nenhum problema há em se divertir na festa, desde que seja observado que a festa também tem um caráter religioso, que deve ser respeitado. É permitido beber, porém seria de bom tom não exagerar. Paquerar e namorar é normal e também os católicos mais velhos de Galante o faziam como recorda Dona Irene:

Ai a gente ia pra festa, já tava combinado com os namorados. Quando chegava na festa os rapaz iam encostando, não ficavam de braço dado com a gente porque as mães não deixava, ficava somente do lado da gente, ou se não ficava em pé conversando.<sup>142</sup>

Porém ficar trocando beijos e abraços insinuosos, como se estivesse em uma festa qualquer, sem caráter religioso é desrespeito. Dançar forró é muito divertido e todos gostam, mas é desnecessário que a dança seja feita de modo licencioso.

Muita vezes os jovens que vem de fora não estão acostumados a essas pequenas regras de conduta observadas pelos católicos assíduos, e passam do limite na bebida e na forma da dançar. Daí a acusação, por parte de muitos católicos do local, de desrespeito: “Os rapaz não ficavam de braço dado com a gente porque as mães não deixava, ficava somente do lado da gente, ou se não ficava em pé conversando. Não era que nem hoje que o povo fica tudo se agarrando não, antigamente tinha respeito.”<sup>143</sup>

---

<sup>141</sup> Depoimento da senhora Carmelita Moizinho de Freitas, de 65 anos, concedido à autora no dia 24 de junho de 2011.

<sup>142</sup> Depoimento da senhora Irene Tomé de Oliveira, de 65 anos, concedido à autora no dia 16 de maio de 2011.

<sup>143</sup> Idem.

Isso vai fazer com que muitos católicos praticantes do local defendam a idéia de que paquera, bebida e política não devem ser misturadas a coisas da Igreja. Mas os católicos de uma forma geral percebem a necessidade da parte lúdica da festa para o bom funcionamento das obras da Igreja, como reformas da mesma e a construção da casa paroquial.

Nesse sentido, o lúdico e o religioso são dois dos muitos aspectos do mesmo evento. A festa não pode ser considerada apenas recreativa, tampouco como unicamente religiosa. Não poderia ser compreendida se tais aspectos fossem tomados como partes de uma festa distinta. Eles são faces de um mesmo evento e a desconsideração de qualquer um deles levaria à incompreensão do todo, este só pode ser apreendido em sua amplitude.

A festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição, desse modo, contém em si aspectos que se opõem, sem representar de modo exclusivo nenhum deles constituindo-se, antes dos dois

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho posso afirmar que ele foi de grande importância, não apenas por possibilitar a conclusão de mais uma etapa da minha formação, mas principalmente pelo aprendizado por ele deixado.

É comum a realização de estudos pelas diversas áreas das ciências humanas, entre elas a História, acerca das grandes cidades<sup>144</sup>, dando a entender que apenas elas são fontes de pesquisas e que as pequenas cidades pouco têm a nos revelar. Esse trabalho sobre o Distrito de Galante, assim como diversos outros produzidos sobre os pequenos municípios, vem mostrar o contrário.

Como percebemos ao longo da pesquisa, o Distrito de Galante, ao contrário do que muitos imaginam, não é um simples reflexo da cidade de Campina Grande e onde as pessoas imitam o modo de vida dos campinenses, nem tampouco uma vila rural afastada da cidade e que só ganha vida no mês de junho com as comemorações juninas. Galante tem suas peculiaridades e uma história que vale a pena ser contada.

Se para a maioria das cidades da Paraíba, como foi o exemplo Campina Grande, o trem de ferro representou a modernidade e a civilização, sendo recebido com grande alegria e espanto por parte da população, em Galante isso não é observado, até porque não existia o povoado de Galante, mas apenas uma propriedade rural com esse nome. Nesse sentido, para Galante o trem teve outro significado, sendo o principal responsável pela fundação desse distrito, pois a partir da estação começaram as primeiras construções que formaram o povoado.

Com relação à festa de da padroeira Nossa Senhora da Conceição esse moderno meio de transporte ajudou na intensificação da mesma, levando pessoas das cidades vizinha, principalmente Campina Grande, pra prestigiar o evento.

De 1930 até aqui Galante não mudou muito fisicamente, podendo ser notadas mudanças principalmente nas práticas cotidianas das pessoas. Se antes as casas eram construções simples, sem energia elétrica, sem água encanada e com poucos móveis, hoje em dia Galante não possui casas luxuosas, mas que oferecem, sem dúvida, um pouco mais de conforto.

---

<sup>144</sup> Podemos citar como exemplo: BRESCHIANI, *Londres e Paris do século XIX: o espetáculo da pobreza*. 4ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1987; CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. PESAVENTO, Sandra J. *Os pobres na cidade*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994; RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar. A utopia disciplinar. Brasil – 1890 – 1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985; SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Dentre vários outros.

Também podem ser observadas mudanças na forma das pessoas se alimentarem, se vestirem, namorarem, rezarem e se divertirem. O passeio de trem que era tido pelos galantenses como uma diversão, hoje não é mais possível, pois o trem só aparece uma vez no ano cheio de turistas forrozeiros de classe média e alta, cabendo aos antigos passageiros de Galante assistir e recordar.

Algumas festas que proporcionaram diversão aos galantenses há algumas décadas atrás não são mais realizadas<sup>145</sup>, pois a sociedade não é a mesma, mudaram os valores e os comportamentos. A arrumação das mulheres para as festas também mudou no que diz respeito às roupas, aos calçados e aos penteados, no entanto, pode ser percebida a mesma preocupação com o figurino que as mulheres apresentam hoje.

Dentre as festas realizadas em Galante demos maior atenção às comemorações do dia de Nossa Senhora da Conceição, um evento que reúne religiosidade e diversão, aspectos que se apresentam na maioria das vezes como antagônicos.

No entanto, as pessoas que vivem em Galante conseguem congregiar esses dois aspectos sem que a festa seja descaracterizada como religiosa ou como recreativa. Os freqüentadores da festa são lembrados que por trás de toda a felicidade que a festa proporciona há um motivo religioso, que deve ser respeitado todos os momentos.

Assim, pode-se verificar grande manifestação de fé, de religiosidade e de amor à mãe de Jesus. Contudo, pode ser observado também lazer, confraternização e diversão. Esses dois aspectos são partes de um todo, são eles que fazem com que a festa seja da forma que ela é.

Pesquisar sobre o distrito de Galante foi um exercício muito gratificante, principalmente porque quase nada foi produzido sobre o assunto e a fonte principal foi a história oral. No decorrer dessa pesquisa, a cada nova fonte encontrada e novos depoimentos colhidos, memórias antigas vinham a tona, não como algo acabado e guardado no fundo de um baú esperando para ser resgatado, mas uma memória dinâmica esperando para ganhar forma a partir do discurso de um historiador.

Além das grandes contribuições para minha formação acadêmica posso afirmar que essa pesquisa contribuiu para minha formação enquanto pessoa. Com a história oral aprendi a ouvir melhor o outro, principalmente os idosos, que sempre têm uma boa história para nos contar.

---

<sup>145</sup> Temos como exemplo as festas de Carnaval, o desfile do dia 7 de setembro e a festa de Natal.



No início da pesquisa era comum quem afirmasse que “é perda de tempo escrever sobre Galante”, que “não havia nada de interessante a ser descoberto”, entre outras expressões pessimistas. No entanto, nessa pesquisa posso mostrar que nada disso tem fundamento, pois Galante tem uma interessante história a ser contada para os novos galantenses e que é muito importante para entendermos o Galante de hoje, afinal de contas passado e presente estão interligados.

Ao término dessa pesquisa uma afirmação que eu posso fazer sem medo de errar é que este estudo de forma alguma esgota as possibilidades de estudos acerca das mudanças, entre elas nas formas das pessoas se divertirem, que se deram no núcleo urbano de Galante, pelo contrário, ainda há muito a ser pesquisado. Além disso, as conclusões históricas nunca são definitivas, pois o historiador trabalha para o seu tempo e não para a eternidade.

## FONTES

### Fontes Escritas

Conjunto de poesias intitulado **A História de Galante em versos**, elaborado por Welitom Gomes Menezes, em janeiro de 2003.

Documento intitulado **Fundação de Galante**, escrito por Laura Menezes de Amorim no dia 13 de setembro de 1983.

### Fontes Orais

Depoimento: Dutra Oliveira Pessoa, depoimento concedido à autora no dia 09/09/2009.

Depoimento: Carmelita Moizinho de Freitas, depoimento concedido à autora no dia 24/06/2011.

Depoimento: Geralda Gomes, depoimento concedido à autora no dia 10/10/2009.

Depoimento: Isabel Cristina Viana Soares, depoimento concedido no dia 04/09/2009.

Depoimento: Irene Tomé de Oliveira, depoimento concedido à autora no dia 16/05/2011.

Depoimento: João Lopes de Souza, depoimento concedido à autora no dia 11/09/2009.

Depoimento: José Gomes de Araújo, depoimento concedido à autora no dia 04/10/2009.

Depoimento: Maria de Azevedo Rodrigues, depoimento concedido à autora no dia 08/09/2009.

Depoimento: Marina Cândido da Silva Oliveira, depoimento concedido à autora no dia 24/10/2009.

Depoimento: Rosa Pereira da Silva, depoimento concedido à autora no dia 11/09/2009.

Depoimento: Rosalvo de Correia Menezes, depoimento concedido à autora no dia 13/09/2009.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Gervácio Batista. "Seduções do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925)" In. **A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural**, PP 79-132.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3ª.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**; Lisboa: Difel, 1998.

CORDEIRO, Thais Nascimento. **A Festa de São Pedro em Ponte Grossa dos Fidalgos – apontamentos etnográficos sobre a celebração do Santo Pescador**. Mestrado em Sociologia, Rio de Janeiro, UFRJ, 2009.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

MAYOL, Pierre. Morar. In. CERTEAU, Michel de. (org) **A Invenção do Cotidiano II: Morar, Cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MENEZES FILHO, Rosalvo . (coordenação) **Diagnóstico sócio-econômico e ambiental da zona rural de Galante – uma visão conjuntural**. Vol II/III. Campina Grande, Galante 2008.

\_\_\_\_\_. **Galante, uma visão conjuntural – O São João de Galante**. Vol I/III. Campina Grande, Galante 2008.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa sócio-econômica e ambiental da zona urbana de Galante – uma visão conjuntural**. Vol III/III. Campina Grande, Galante 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5ª edição. São Paulo: Edições Loyola. 2005.

NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes. Campina Grande: Cenário de Sedução. In. DANTAS, Eugênia, e BURITI, Iranilson (orgs). **Cidade e região: múltiplas histórias**. João Pessoa: Idéia, 2005.

Pesavento, <<Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades>>, Colóquio, Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Numero 4- 2004, mis em ligne Le 4 février 2005, référence Du 18 avril 2006, disponible sur: <http://nuevomundo.revues.org/document229.html>.

PESAVENTO, Sandra Jatagy e LANGUE, Frédérique. **Sensibilidade na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

SOUZA, Antônio Clarindo B. de. **Lazeres permitidos, prazeres proibidos. Sociedade, cultura e lazer na Campina Grande dos anos 50 e 60**. Doutorado em História, Recife, UFPE, 2002.